



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

FLORENCE ALENCAR MOREIRA

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.**

**RIO DE JANEIRO
2020**

FLORENCE ALENCAR MOREIRA

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação de graduação em História, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do título de licenciada. Orientadora: Prof. Dra. Vivian Zampa.

**RIO DE JANEIRO
2020**

FLORENCE ALENCAR MOREIRA

**A Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial:
Desafios para o Ensino de História.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação de graduação em História, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do título de licenciada. Orientadora: Prof. Dra. Vivian Zampa.

Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Vivian Zampa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Me. Fabio da Silva Pereira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

In memoriam a Rogério Colares Alencar e
Neide Franciscato Alencar.

Com carinho, a todos que agradeço.

AGRADECIMENTOS

A História transformou o meu ser e demarcou uma importante ruptura do que habitualmente chamamos de “mudança de vida”. A Deus e toda a bondade do Universo, manifestada nas mais diversas crenças e feitos inspiradores, serei sempre grata, por entender que a nossa trajetória é um eterno aprendizado. Lembro-me de quando passei no vestibular para esta graduação e tive fé ao pedir força em fazer desta uma carreira, se assim fosse o meu destino. Hoje entendo mais do que ontem, e anseio construir o amanhã. Que assim seja! A gratidão é o sentimento que mais está presente no meu cotidiano durante a construção desse diploma. Tal qual Júlio César disse em 47 a.C., “*veni vidi vici*”. Destaco, ao meu “modo estagiário” que “chorei, sorri, cresci!” Agradeço, enfim, e especificamente, à minha família e aos meus amigos, que tanto estiveram ao meu lado nesses “loucos” 4 (quatro) anos de licenciatura de muita luta.

Primeiramente, aos meus pais, que, se deixasse para depois, colocaria de lado a minha essência. Sou feliz por um misto de astrologia, sarcasmo, musicais históricos e intelectualidade, que construíram minha vontade por cursar História: ao interesse sagitariano de assistir inúmeros documentários, sua célebre biblioteca e “ah não, outro filme de guerra?” como hábitos de sempre de meu pai; e a habilidade, criatividade, esforço, suporte de todas as formas e afinco no *marketing*, com ironias das mais diversas, da melhor amiga (e aquariana) que tenho como mãe. A vocês agradeço pelo suporte e por me despertarem o interesse de lecionar, com graciosidade e muito bom-humor! Por falar em suporte, agradeço ao meu irmão por me *suportar*, nesses longos anos de graduação, com incessantes pedidos por café nas madrugadas – sempre atendidos – e por todas as vezes que precisei de companhia para me deslocar no Rio de madrugada ou nas (muitas) trocas de tema para o TCC. Enfim, Zé, eu acabei focando naquilo que toca meu coração! Agradeço por sua paciência de sempre e peço desculpas se baguncei seu quarto inúmeras vezes com a minha coleção de livros...

Não menos importante, agradeço aos meus amigos e gigantes, Fabio da Silva Pereira, Fernando da Silva Rodrigues e, evidentemente, à minha querida Professora Orientadora, um tanto quanto geminiana e, sempre bom lembrar, igual a mim com seu “ascendente em áries e meio do céu em capricórnio”, Vivian Zampa, por estarem sempre presentes na minha formação, desde que uma janela foi aberta! O Projeto *Fontes de História Militar*, em parceria com vocês, me permitiu enxergar um mundo de possibilidades. A vocês três meus sinceros agradecimentos por me nortearem, nesses três últimos anos, com tanta paciência e dedicação à pesquisa e docência. Acredito, assim, que essa parceria e a gratidão não acabam por aqui...

Agradeço ao *Laboratório de Estudos sobre História Militar, Política e Fronteiras* e à coordenação e todo o corpo docente da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) por me forjarem pesquisadora e por todo incentivo aos estudos sobre historiografia militar, na qual tive a honra de ser “A Estagiária”! Em paralelo, agradeço ao suporte dos amigos e colegas de profissão, na ajuda e por todas as vezes que fui bem recebida, sendo indelicado correr o risco de enumerá-los, por receio de esquecer de alguém. Ainda, agradeço à estimada Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Consórcio CEDERJ/Fundação CECIERJ), Polo UAB Resende e o CIEP 488 Ezequiel Freire que, se não fosse por esse curso de licenciatura no modelo semipresencial, certamente não conseguiria conquistar o nível superior. E ao Centro de Idiomas do Exército (CIdEx), pela oportunidade de utilizar meus estudos nesse trabalho.

Aos meus amigos e companheiros de jornada, Rita de Cássia, Lucas Pereira e meu orientador de estágio sr. Antônio, e suas lindas e inspiradoras famílias, por me acolherem e me ensinarem tanto sobre perseverança. Vocês assistiram minhas idas e vindas nessas montanhas e estradas, nas madrugadas e nos dias de luta... Tenham certeza que sempre estarão guardados no meu coração. À minha querida Karla, que cantou todas as músicas historiográficas adaptadas para a Disney possíveis ao meu lado, e que hoje, nesses 22 anos de parceria, me incentiva a ser grande, me explicando o real sentido da amizade. Sou grata a vocês que sempre me acolheram nos momentos de muita dificuldade, que tanto precisei de ombro(s) amigo(s).

Por fim, agradeço a Deus, com carinho, pelo amor. Amor este que desperta em mim a vontade de me sentir viva, de estar com quem amo e de lutar... todo esse sentimento reflete a maturidade de entender o que é a vida e qual é a melhor forma de vivê-la. É entender que tudo estamos aprendendo faz parte de uma linda trajetória, mesmo que tenhamos que arrancar os espinhos que só são vencidos com o tempo. Com pequenos tijolos, sejam estes em dias de trabalho ou livros, podemos dizer que uma crescente foi construída, e com a amizade, fora solidificada. Dos prantos da angústia que um dia tive no passado, metaforicamente, me entrego ao dançar nos braços felicidade em saber que com uma simples cadeira, marca-textos, muitos livros e a força de um leão, é possível construir um presente-futuro: aquele que tanto sonhei! Por esse motivo, equilíbrio a razão e a emoção, no sentido de respeitar a vontade de Deus e agradecer porque chegamos até aqui com concentração no que devia ser feito.

Desistir não é opção.
Rio de Janeiro

“Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.”
Isaac Newton, 1676.

RESUMO

O presente estudo visa compreender a estruturação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 1943, até a sua desmobilização, em 1945, em sua interface com o ensino de História. A análise elucida a problemática política e ideológica do período, sobretudo no que diz respeito ao Governo de Getúlio Vargas, ao longo do Estado Novo (1937-1945). Nessa pesquisa, verificou-se a pouca importância que se dá o emprego da FEB no currículo escolar da Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro. De caráter analítico, parte-se da proposta de problematizar em que medida a FEB consta nos livros escolares da atualidade e nas aulas de História, no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. A presente pesquisa, por fim, tem o embasamento teórico da Nova História Militar e de uma bibliografia especializada nos estudos sobre a FEB, bem como sobre a memória dos veteranos brasileiros que sobreviveram e a registraram. O Trabalho de Conclusão de Curso contou, ainda, com pesquisas de campo e com uma breve análise de documentos que podem ser usados em sala de aula.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial; Ensino de História.

ABSTRACT

The present study aims to understand the structuring of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), in 1943, until its demobilization, in 1945, in its interface with the teaching of History. The analysis elucidates the political and ideological problems of the period, especially with regard to the Government of Getúlio Vargas, throughout the “Estado Novo” (1937-1945). In this research, it was verified the little importance that the use of FEB is given in the school curriculum of Basic Education of the State of Rio de Janeiro. Analytical in nature, the proposal is to discuss the extent to which the FEB appears in current school books and in history classes, in the second segment of elementary school and high school. The present research, finally, has the theoretical basis of the New Military History and a bibliography specialized in the studies on FEB, as well as on the memory of the Brazilian veterans who survived and recorded it. The Final Paper also included field research and a brief analysis of documents that can be used in the classroom.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Second World War; History teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHEx: Arquivo Histórico do Exército

CEDERJ: Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CIEP: Centro Integrado de Educação Pública

CIdEx: Centro de Idiomas do Exército

EB: Exército Brasileiro

EUA: Estados Unidos da América

DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda

FAB: Força Aérea Brasileira

FEB: Força Expedicionária Brasileira

HTP: História do Tempo Presente

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

TO: Teatro de Operações

UAB: Universidade Aberta do Brasil

UNIRIO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIVERSO: Universidade Salgado de Oliveira

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Emblema original da FEB utilizado pelo Ten Int Pefani Daróz, no qual representa a “cobra fumando”.....	15
Figura 2: Fotografia colorida digitalmente em que se lê "A cobra está fumando".. ..	17
Figura 3: À esquerda: Ten Janiara Medeiros, Maj Ferraz, Ten Cel Andréa Firmo.	
Figura 4: Seminário sobre a FEB ministrado para os oficiais estrangeiros no CIdEx.	19
Figura 5: Estudos do 3º bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental.....	20
Figura 6: Estudos do 3º bimestre da 3ª série do Ensino Médio.....	21
Figura 7: Trecho que explica a entrada do Brasil para o bloco dos Aliados em 1942.....	21
Figura 8: Explicação sobre o que foi o DIP. Fonte: Projeto Araribá (2007, p. 154)	23
Figura 9: Explicação sobre a renúncia de Getúlio Vargas. Fonte: Projeto Araribá (2007, p. 151).....	23
Figura 10: Êles lutaram pelo Brasil, Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1970, edição nº 23.663, p. 44/88. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.....	24
Figura 11: À esquerda, Prof. Me. Fabio da Silva Pereira. À Direita: Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues. Fonte: Contribuições da autora.	29
Figura 12: Primeiro trabalho discente sobre a atuação da FEB. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/Bpk5_8aF9r2/ >.....	29
Figura 13: Reunião do grupo de pesquisa sobre o projeto “Fontes de História Militar”. Fonte: Contribuições da autora.....	30
Figura 14: À esquerda Prof. Dr. Fernando Pedrosa. Centro: Prof. Me. Leonardo Montanholi dos Santos. À direita: Prof. Me. Carlos Daróz. Fonte: Contribuições da autora.	31
Figura 15: Visitas ao Museu da República (RJ), Museu Conde de Linhares (RJ), e Museu do Comando Militar do Oeste (MS). Fonte: Contribuições da autora.	31
Figura 16: XXX Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, em 02 de dezembro de 2018. Fonte: Contribuições da autora.	32
Figura 17: Alô Amigos, um desenho de Walt Disney. Fonte: YouTube.	37
Figura 18: O soldado febiano leva seu amigo papagaio para a guerra. Ou será que aconteceu o contrário? Fonte: Acervo do Arquivo Nacional sobre a FEB.	39
Figura 19: Primeira celebração do retorno da FEB ao Brasil. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.47	
Figura 20: Cartaz da época onde se lê “O Brasil está presente!” Acervo do Arquivo Nacional sobre a FEB. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.....	52
Figura 21: Soldados da FEB sendo saudados por moradores de Massarosa, Itália, 1944. Fonte: War Thunder.	56

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO 1: “A COBRA CONTINUA FUMANDO”: Desafios e Práticas para o Ensino de História sobre a Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial	17
1.1. O esquecimento da FEB nas aulas de História.....	18
1.2. Análise documental: Currículo Mínimo do RJ, material didático e fonte primária	20
1.3. Historiografias para a pesquisa da FEB: Patriótica, Revisionista e Nova História	27
1.4. Pesquisa de campo: atividades discentes sobre a FEB na licenciatura em História.....	29
CAPÍTULO 2: “VOCÊ SABE DE ONDE EU VENHO?”: Discussões teóricas para uma aula sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1943-1945)	34
2.1. “ <i>Hello Friends!</i> ” A aliança entre Brasil e Estados Unidos da América.	36
2.2. “Esse ‘V’ que simboliza a vitória que virá”: A atuação da FEB no front italiano.	40
2.3. “Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá...”: Fatores para a rápida desmobilização da FEB e consequências iniciais sobre o apagamento da memória.....	43
2.4. “A glória do meu Brasil!”: O apagamento da memória dos veteranos na atualidade e os resultados da pesquisa para uma aula de História sobre a FEB.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
FONTES	57
TRABALHO DE CAMPO	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"Si vis pacem, para bellum" (Flávio Vegécio)

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) simbolizou o apogeu de crise da modernidade, conforme o que ilustra Sciarretta (2013). Nesse contexto de grandes confrontos, esquematizou-se, dentre toda a barbárie que acomete uma guerra, o desenvolvimento de tecnologias para a indústria bélica. O choque entre gerações no decorrer do século XX, segundo Hobsbawm (1995), colocou em xeque as relações entre as sociedades, sobretudo no tocante ao desenvolvimento científico e social. As análises historiográficas, no avanço do presente trabalho, visam examinar as relações políticas, econômicas, culturais e sociais que muito corroboraram para o confronto no teatro de operações. Segundo Hobsbawm, o mundo passou por diversas transformações até chegar a um colapso, notoriamente, sendo o estopim para a intitulada “Era dos Extremos”:

Confrontos religiosos ou ideológicos como os que povoaram este século erguem barricadas no caminho do historiador. A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou. As primeiras são fáceis de superar, pois não há verdade no conhecido, mas enganoso dito francês, *tout comprendre c'est tout pardonner* (tudo compreender é tudo perdoar). Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. (HOBSBAWM, 1995, versão *kindle* posição 223)

Conforme ilustra Sciarretta, a Segunda Guerra Mundial teve início em 1º de setembro de 1939 e se findou após exatos seis anos, com o término do conflito em 2 de setembro de 1945¹, de forma a ressaltar que ela “proporcionou estragos notavelmente maiores do que os provocados pela guerra de 1914-1918 [Primeira Guerra Mundial], chegando a causar a morte de cerca de 50 milhões de seres humanos.” (SCIARRETTA, 2013, p. 217) Segundo o autor, também acarretou em mudanças bruscas no cenário geopolítico mundial, de forma a representar o maior evento de guerra da História. A Segunda Guerra Mundial ficou conhecida, como diria Sciarretta (2013, p. 244) como “guerra planetária, guerra total”. Na história militar entendemos que “É da lembrança de atos de coragem, desprendimento e sacrifício, perpetrados por soldados do passado e pelos seus antecessores, que o homem, contrariando seus impulsos naturais de fugir ou esconder-se, torna-se capaz de seguir em frente. E é da História que vem essa inspiração.” (PEDROSA, 2011, pp. 5-6)

¹ A guerra total ou guerra planetária, segundo o que comentam Hobsbawm (1995) e Sciarretta (2013) sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) teve início com a invasão da Polônia, realizada pelo exército alemão nazista, em 1º de setembro de 1939.

Por esse motivo, o Trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo compreender o cenário da guerra total, com o intuito de reafirmar a importância de seu estudo na Educação básica e para a formação cidadã. É possível verificar que o emprego de máquinas de destruição, utilizadas para a tomada de território pelo exército nazista levou à modificação do decorrer dos acontecimentos mundiais. A ascensão do extremo intitulado “nazismo hitlerista alemão”², segundo Sciarretta (2013), teve início na tomada de poder de Adolf Hitler para o Estado totalitário (Terceiro Reich) com a saída da Alemanha, já sob governo do ditador, da Liga das Nações em 1933. Segundo Corrêa (2011), as atitudes de Getúlio Dornelles Vargas, Presidente da República Federativa do Brasil desde 1930, impactaram em um desmonte nas oligarquias políticas vigentes, iniciando um governo controverso. A princípio prezando a plataforma da Aliança Liberal e a reformulação das estruturas políticas, Vargas deu prosseguimento ao seu governo com uma série de medidas autoritárias, meio ao desgaste do modelo liberal vigente, que o aproximou ideologicamente à algumas práticas do fascismo, tendo instaurado, em 1937, o seu próprio regime autoritário: o Estado Novo (1937-1945).

O início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, exigiu do governo brasileiro um esforço ainda maior na área de planejamento econômico, que passou a ser justificado em função do objetivo da defesa militar. A deflagração do conflito afetou severamente o comércio internacional, causando a queda nas exportações de produtos agrícolas, e dificultou a importação de maquinaria e combustíveis. (...) Uma das consequências mais relevantes da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi o estreitamento das relações econômicas com os Estados Unidos, em razão do interesse desse país na instalação de bases militares em território brasileiro. (CORRÊA, 2011, pp. 96-97)

Segundo os autores supracitados, as transformações ocorridas atingiram as instâncias políticas e ideológicas, não só pelo alinhamento de Vargas em prol do regime nazista e ideais fascistas, com Mussolini, mas pelo jogo político, que colocava em xeque a segurança nacional. Por esse motivo, junto aos interesses norte-americanos no território brasileiro, e ao torpedeamento de navios do país no litoral por submarinos alemães, Vargas mudou de postura, aceitando as pressões do Tio Sam³ e declarando guerra ao Eixo em 1942. Isso acarretou em investimentos culturais e econômicos, como a figuração do “Zé Carioca”, amigo do Pato Donald e a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941, dentre outros, segundo Corrêa (2011) e Rodrigues (2012).

² A Alemanha nazista foi a principal causadora da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), devido retaliações que se arrastavam desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Foi concretizada, segundo Sciarretta (2013), em 1933, podendo também ser intitulada como o Terceiro Reich de Adolf Hitler. Foi iniciada com uma vertente ideológica fascista totalitária, ou seja, que controlava os aspectos sociais e se desestruturou com a queda de Hitler e do nazismo e término da guerra em 1945.

³ Tio Sam, conhecida caricatura de 1870, é a personificação de 1812, segundo Rodrigues (2012) dos Estados Unidos da América, em convocação para a guerra anglo-americana: “*I want you for U. S. Army*”

Os Estados Unidos da América atentavam às possibilidades de aliança com o Brasil, o que é justificado nos estudos de Pereira (2017) como o *soft power*, ou seja, uma espécie de “poder brando”, que equilibra interesses territoriais estratégicos com elementos sociais e culturais entre as partes. Esse poder brando, por conseguinte, foi o que se passou a trabalhar o interesse geopolítico entre as nações com influências econômicas e socioculturais, repercutindo nas investidas que os Estados Unidos da América poderiam fazer naquele momento, sobretudo em virtude da caracterizada “política de boa vizinhança”, explicada por Santos (2018). Segundo Pereira (2017), o *soft power* é diferente do *hard power*, pois o último se baseia no emprego da força bélica para pressionar a colaboração de outros países com os propósitos sob a ótica militar.

A organização da FEB, na Itália, em 5 de setembro de 1944, era alicerçada pela 1ª DIE, comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, que integrava as seguintes tropas: Infantaria Divisionária, comandada pelo general Zenóbio da Costa, e estruturada pelos 1º, 6º e 11º Regimentos de Infantaria; Artilharia Divisionária, comandada pelo general Cordeiro de Farias; 9º Batalhão de Engenharia; 1º Batalhão de Saúde; 1º Esquadrão de Reconhecimento e pela 1ª Companhia de Transmissões. **A presença do corpo feminino no Batalhão de Saúde da FEB foi um marco na valorização da mulher dentro da sociedade brasileira.** O trabalho anônimo das nossas heroínas foi destacado por diversos chefes militares durante a Campanha na Itália. Outro aspecto importante no campo psicossocial da FEB foi a formação multiétnica das tropas brasileiras. Nossos “pracinhas” (oficiais e praças) constituíram a única força miscigenada não segregacionista entre as tropas aliadas combatentes na Europa. (FRANCO, 2020, grifo nosso)

A aproximação dos Estados Unidos da América com o Brasil se deu, dentre os investimentos supracitados, com a necessária mobilização de um corpo expedicionário para o envio de tropas na luta contra o nazifascismo no território italiano – mais precisamente no espaço estratégico denominado “linha gótica”⁴. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) atuou no território italiano de 1944 a 1945, porém, foi estruturada em 1943 como a 1ª Divisão do V Exército norte-americano. (FERRAZ, 2012; FRANCO, 2020).

A imagem a seguir ilustra, segundo Ferraz (2012), a chacota da sociedade brasileira à luz da época, na década de 1940, a qual afirmava que “é mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar [para a guerra]”. Nesse ínterim, o emblema da FEB foi desenhado para informar “que a cobra estava fumando”, e por esse motivo, ficou conhecida a simbologia de uma cobra com um cachimbo, de acordo com a figura de um emblema original, utilizado pelo Ten Int Pefani Daróz:

⁴ A “linha gótica”, conforme ilustra Ferraz (2012), correspondia a uma das últimas defesas alemãs no território italiano. Sendo uma extensão de mais de 250km, estava localizada nos Apeninos, local de atuação em ataque do corpo expedicionário brasileiro, com o intuito de desmobilizar as tropas nazifascistas.

Figura 1: Emblema original da FEB utilizado pelo Ten Int Pefani Daróz, no qual representa a “cobra fumando”.



Fonte: Daróz, 2014.

Conforme o referencial teórico que orientou o TCC, tem-se o objetivo de realizar uma discussão acerca do apagamento da memória da FEB ao longo da história, sobretudo no que diz respeito a sua atuação e conseqüente desmobilização, ambas em solo italiano.

A problemática do apagamento da memória da atuação e desmobilização da FEB foi construída com base no referencial conceitual da memória e da consciência histórica, e com a metodologia de pesquisas de campo. Ao participar de aulas no CIEP 488, no pré-vestibular *Leonhard Euler* e no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) foram realizadas perguntas em classe, como: “O que foi a Força Expedicionária Brasileira?”, “Como aconteceu a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial?”, “O Brasil valoriza os veteranos da Segunda Guerra como os EUA?” – todavia, nenhum dos alunos sabia respondê-las. Por esse motivo, esse Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender como após 75 anos após o término da Segunda Guerra Mundial essa temática ainda não é trabalhada nas salas de aula brasileiras.

Segundo o que destaca Ferraz (2012), esse movimento de apagamento da participação da tropa que foi à guerra combater os nazistas na narrativa histórica se deu, principalmente, porque o molde do “Exército da FEB” foi construído diferente daquele “Exército de Caxias”:

De modo algum, tais práticas, desenvolvidas ao longo dos meses, em contato com o exército americano, representavam relaxamento de hierarquia ou faziam o exército combatente menos marcial. Tratava-se de um exército cuja maioria não era militar de carreira, e que sonhava voltar para suas atividades civis depois de terminada a guerra. (...) Isso era exatamente o oposto ao modelo do “Exército de Caxias”⁵, no qual muitos oficiais entendiam sua superioridade hierárquica como algo inato e imanente, e que deveria ser exercitado em todas as relações sociais, dentro e fora dos quartéis. (FERRAZ, 2012, p. 72)

Para Lima (2014, p. 56) a narrativa historiográfica constitui uma das formas de se lidar com o tempo em uma sociedade, estando diretamente relacionada ao lugar que o discurso construído ocupa e às funções sociais que assume nessa trajetória. Neste processo, insere-se a consciência histórica, conceito que pode ser definido como a capacidade do homem compreender “(...) o quanto sua existência individual está subordinada àquela da humanidade no tempo”. Para a autora, o entendimento dessa submissão, a partir do século XIX, traçaria a marca basilar da consciência histórica, que, por sua vez, é marcada por um campo de disputas.

Nesta perspectiva, a hipótese central do Trabalho de Conclusão de Curso é que na constituição de uma memória e de uma narrativa sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao longo das últimas décadas, a atuação da FEB perdeu espaço para outras questões demarcadas, tais como: a postura política varguista, o alinhamento do Brasil no conflito e a crise do Estado Novo, de forma a se retirar, paulatinamente, a experiência militar brasileira em solo europeu como um dos elementos constitutivos da consciência histórica.

Tendo por base esta orientação, pretende-se discutir o quanto da construção de uma consciência histórica é essencial para solidificar a formação do sentimento de memória e reafirmação identitária, e, nesta perspectiva, como os estudos sobre a FEB na sala de aula são relevantes para o seu conhecimento, enquanto uma experiência direta do país em uma guerra mundial do século XX, de maneira a evitar o seu constante apagamento. Conforme ilustrado por Aguiar (2014), ações no presente modificam compreensões mal interpretadas da história, e é isso o que se destina esse estudo. A partir destas indicações, o TCC foi dividido em dois capítulos: o primeiro ressalta o recolhimento de informações em trabalho de campo e levantamento da problemática do esquecimento da FEB; já o segundo elucida, por meio de referencial teórico, como aconteceu o movimento de apagamento da memória do veterano brasileiro na consciência história social ao longo do tempo.

⁵ “Exército de Caxias” é a nomenclatura utilizada para referenciar a formação do Exército Brasileiro na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) liderada por Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. É memorado pela atuação como soldado ideal no maior conflito bélico da América do Sul, no “Dia do Soldado” em 25 de agosto. Todavia, o “Exército da FEB”, comandado pelo Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, comandando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) teve uma formação diferente, sobretudo por sua atuação como ramificação do Exército norte-americano na Segunda Guerra.

CAPÍTULO 1: “A COBRA CONTINUA FUMANDO”: Desafios e Práticas para o Ensino de História sobre a Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Por mais terras que eu percorra
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá
 Sem que leve por divisa
 Esse V que simboliza
 A vitória que virá.
 Nossa vitória final
 Que é a mira do meu fuzil
 A ração do meu bernal
 A água do meu cantil
 As asas do meu ideal
 A glória do meu Brasil
 (Canção do Expedicionário, 1944)

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial aconteceu com o envio de um efetivo de 25.334 pessoas (FERRAZ, 2012, p. 21) para o território italiano na luta contra o nazifascismo, sendo denominada conforme explica Silveira (2001, p. 15) e Ferraz (2012, p. 21), como Força Expedicionária Brasileira (FEB). Segundo o que ilustram os autores, a literatura sobre a FEB compõe-se de documentos oficiais que ainda não foram totalmente analisados e de muitos depoimentos da época, cartas, diários, mas que ainda carecem de muitas análises e estímulo para a pesquisa sobre a temática. Por conseguinte, Ferraz (2012, p. 21) explica que esta foi a “única força combatente da América Latina no contingente europeu, durante a Segunda Guerra Mundial”. Ferraz (2012) ressalta ainda que a FEB foi constituída por cidadãos-soldados, para lutar em outro continente, após as pressões americanas terem sido iniciadas com a entrada do país na guerra, com o consequente ataque a ilha de Pearl Harbor em 1941, e a progressiva aproximação do governo Vargas com os países aliados.

Figura 2: Fotografia colorizada digitalmente em que se lê "A cobra está fumando".



Fonte: Warthunder, 2014.

1.1.O esquecimento da FEB nas aulas de História

A problemática desse Trabalho de Conclusão de Curso está delimitada no tocante à atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pensada enquanto uma relevante questão para a história nacional. Dentre as mais diversas rupturas e continuidades acerca da importância desse tema, tem-se a finalidade de analisar as mudanças advindas com a desmobilização da FEB durante o período, bem como o reflexo dessa desestruturação, no apagamento da memória nacional no que diz respeito à atuação dos expedicionários na guerra ao longo da história do Brasil e, principalmente, em sala de aula no tempo presente. Ou seja, baseado nos estudos de Ferraz (2012), é possível afirmar que existe o movimento de esquecimento da FEB, em virtude do apagamento intencional dessa atuação desde sua desmobilização em solo italiano, em 1945.

A metodologia utilizada para elucidar essa argumentação parte de uma pesquisa analítica, de uma bibliografia específica, com o recorte temporal da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a temática da estruturação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em aliança com os Estados Unidos da América (EUA), sua atuação no teatro de operações em solo italiano, e enfim, a sua desmobilização, ainda no último território (1944-1945). Por outro lado, parte também da análise de materiais didáticos brasileiros que apagam o ilustrar da FEB.

Com abordagem qualitativa, realizou-se um levantamento de informações sobre a FEB e o resultado da pesquisa inicial foi a apresentação de um curto seminário temático para oficiais estrangeiros, com a autorização e supervisão dos oficiais responsáveis, no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx), em 04 de julho de 2019. O seminário temático no CIdEx teve como objetivo apresentar a pesquisa, bem como explicar a atuação da FEB para oficiais estrangeiros (da China, Arábia Saudita e Vietnã). A aula contou com o apoio da Tenente Janiara Medeiros, professora do Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME/CIdEx), conforme as figuras a seguir:

Figura 3: À esquerda: Ten Janiara Medeiros, Maj Ferraz, Ten Cel Andréa Firmo. direita: turma de oficiais estrangeiros



Fonte: contribuições da autora.

Figura 4: Seminário sobre a FEB ministrado para os oficiais estrangeiros no CIdEx.



Fonte: contribuições da autora.

O levantamento das percepções dos discentes no âmbito militar, segundo a abordagem qualitativa de interpretação de comportamentos e opiniões, mostrou que, a respeito desse estudo de caso participativo, muito ainda deve ser trabalhado sobre essa temática, até mesmo em relação ao o problema destacado porque, no meio civil, pouco é explicado ou sequer citado sobre a FEB. Como experiência pessoal, foi verificado que pessoas do mesmo círculo social desse estudo não sabem que o Brasil esteve presente no cenário beligerante, com a participação ativa de 25.334 pessoas, como destaca Ferraz (2012, p. 21).

O problema do eixo temático então, alinha-se a uma percepção no tempo presente e no ensino de história, caracterizando uma necessidade do entendimento de quem foram os “pracinhas”⁶ e qual a sua relevância na Segunda Guerra Mundial.

Tal seminário foi o início de uma pesquisa de campo, na qual foi possível coletar informações para uma posterior apresentação em salas de aula. A justificativa sobre os estudos acerca do apagamento da memória da FEB intensificou-se através de diálogos com as turmas de Estágio Supervisionado I e II no CIEP 488, em Itatiaia, com o estudo do currículo mínimo e, com efeito, na prática docente voluntária no Pré-Vestibular *Leonhard Euler* da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Essa situação foi compreendida a partir do momento que nenhum dos alunos sabia sobre o que foi a Força Expedicionária Brasileira (FEB), o que a mesma tinha feito, onde tinha atuado e porque teria sequer existido. Tal característica deve ser relevada, até mesmo porque são alunos de Ensino Médio, que estão se preparando para o vestibular e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, sobretudo, em um constante processo de construção da consciência histórica.

⁶ O termo “pracinhas”, hoje utilizado com muito zelo pelos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, segundo os pesquisadores civis e militares sobre o tema, outrora era caracterizado como um insulto, segundo o que mostra Ferraz (2012). Isso também será analisado no documento do “Correio da Manhã”, jornal publicado em 1970, no qual enaltece a memória de oficiais recém-saídos da Escola Militar do Realengo, mas que não abre espaço para a menção sequer de nenhum praça. Isso elucida pontos-chave da problemática do apagamento da memória dos soldados da FEB, segundo o autor, até mesmo no período do Regime Militar (1964-1985), desde 1945, pela atuação da propaganda do DIP.

1.2. Análise documental: Currículo Mínimo do RJ, material didático e fonte primária

De forma geral e, de acordo com o documento que norteia a Educação Básica, tal como o Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro (Figuras 5 e 6) é indicado o estudo da História no século XX, dentro da disciplina, no nono ano do Ensino Fundamental e no terceiro ano do Ensino Médio, todavia, é necessário perceber que a FEB nem sequer é citada no documento que norteia as aulas de História no referido Estado.

Figura 5: Estudos do 3º bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental.

3º Bimestre	
Conteúdo	A ERA VARGAS: POPULISMO E DITADURA
Habilidades e Competências	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os agentes que favoreceram a ascensão de Getúlio Vargas ao poder; - Compreender as transformações políticas e sócio-econômicas do período; - Discutir os conceitos: revolução, populismo e ditadura.
Conteúdo	A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A BIPOLARIZAÇÃO
Habilidades e Competências	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o contexto histórico da Segunda Guerra; - Compreender o significado histórico das relações de poder entre as nações; - Discutir os conceitos de hegemonia, dominação e Guerra Fria.
Conteúdo	A DESCOLONIZAÇÃO AFRO-ASIÁTICA E OS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO
Habilidades e Competências	<ul style="list-style-type: none"> - Questionar as visões preconceituosas sobre a África e o Oriente Médio; - Estimular o respeito à diversidade cultural; - Comparar a descolonização africana com a asiática.

Fonte: Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro.

Ao analisar o Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro e perceber a ausência da temática da FEB no planejamento pedagógico, compreende-se a relevância de se estruturar uma nova proposta de ensino, para que a memória do combate aos regimes totalitários e comportamento autoritário, na busca pela democracia, seja evidenciado. A FEB, por sua vez, nasce no contexto de confronto ao regime varguista, de cunho autoritário, ou seja, próximo às ideias e práticas do fascismo, ao qual denominamos Estado Novo (1937-1945)⁷, mas que, a partir de 1942, alinhou-se às democracias no combate ao fascismo, especialmente em solo italiano. Essa ruptura de alinhamento ideológico com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) mudou de paradigma com o torpedeamento de submarinos na costa nordestina brasileira em 1942 e pressões norte-americanas, segundo o que foi ilustrado por Ferraz (2012).

⁷ O Estado Novo (1937-1945) foi o período final da Era Vargas. Segundo Corrêa (2011), a Era Vargas foi dividida em três momentos: “Governo Provisório” (1930-1934), após o movimento revolucionário de Vargas em 1930, o “Governo Constitucional” (1934-1937), com a assinatura da Constituição de 1934 de cunho integralista, e “Estado Novo” (1937-1945), regime ditatorial pós-medidas do Plano Cohen, ao dissolver o Poder Legislativo.

Segundo as análises do documento “Currículo Mínimo de História para o Estado do Rio de Janeiro, na Área de Ciências Humanas e Suas Tecnologias” (2011), para o recorte problema do TCC, nada é destacado sobre a FEB, somente o amplo escopo da Era Vargas (1930-1945) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

Figura 6: Estudos do 3º bimestre da 3ª série do Ensino Médio.

3º Bimestre	
Conteúdo	2ª GUERRA E A BIPOLARIZAÇÃO DO MUNDO (GUERRA FRIA); - BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA: DITADURA MILITAR NO BRASIL
Habilidades e Competências	- Analisar as relações de dominação e convivência, resistência entre sujeitos históricos; - Compreender a formação de alianças e conflitos no contexto de disputa por hegemonia.
Conteúdo	- CONFLITOS POLÍTICO-CULTURAIS PÓS-GUERRA FRIA E REORGANIZAÇÃO GEOPOLÍTICA DO CONTINENTE AFRICANO. - A LUTA PELA CONQUISTA DE DIREITOS PELOS CIDADÃOS: AS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS
Habilidades e Competências	- Compreender a cidadania em uma perspectiva histórica, como resultado de lutas, confrontos e negociações.

Fonte: Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro

A análise de documentos contou, ainda, com o exemplo de um fragmento do material didático do 9º ano do Ensino Fundamental, do “Projeto Araribá” (2007). Tal livro pedagógico possui vasto conteúdo e é trabalhado com fotografias, poemas, músicas, textos, pinturas de época e análises temporais bem estruturadas. Em paralelo à análise do referido livro didático, também foram buscados outros materiais sobre a FEB, tais como: o do “Projeto Apoema História (2013)”⁸ e três materiais didáticos do INEP⁹: um para a utilização do professor¹⁰, um para o aluno do ensino fundamental¹¹ e o último para o aluno do ensino médio¹². Nestes materiais que foram analisados, os autores sequer falavam sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Por esse motivo, esse Trabalho de Conclusão de Curso faz uma crítica ao apagamento desse momento histórico, tanto pelo Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro quanto por materiais didáticos utilizados em sala de aula, segundo a análise proposta.

⁸ MOCELLIN, Renato. Projeto Apoema História. Renato Mocellin, Rosiane de Camargo – 1. Ed. São Paulo, Editora do Brasil, 2013.

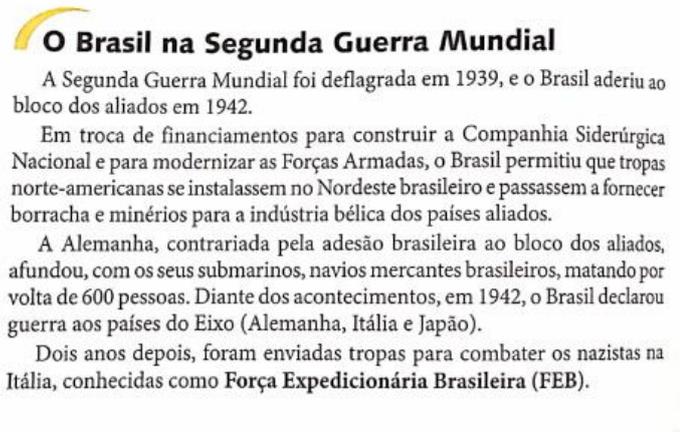
⁹ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

¹⁰ História e geografia, ciências humanas e suas tecnologias: livro do professor para o ensino fundamental e médio. Coordenação Zuleika de Felice Murrie. Brasília, MEC, INEP, 2002.

¹¹ História e geografia: livro do estudante para o ensino fundamental. Coordenação Zuleika de Felice Murrie. Brasília, MEC, INEP, 2006.

¹² Ciências humanas e suas tecnologias: livro do estudante para o ensino médio. Coordenação Zuleika de Felice Murrie. Brasília, MEC, INEP, 2006.

Figura 7: Trecho que explica a entrada do Brasil para o bloco dos Aliados em 1942.



Fonte: Projeto Araribá (2007, p. 150)

Em virtude da análise do material didático em questão, é possível explicar aos alunos como a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN, 1941) e modernização das Forças Armadas no século XX, corroboraram para o cenário, ainda mais com a ocupação do estratégico Nordeste brasileiro que sempre foi alvo de muitas disputas, sobretudo por interesses americanos e nazistas. Com submarinos e navios mercantes sendo afundados pelo Eixo¹³, o Brasil declarou guerra a esses países em 1942 e encaminhou a FEB para o *front* italiano em 1944. Neste contexto relacionado à FEB, é relevante ainda, realizar a explicação sobre a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), iniciado em 1939, durante o regime do Estado Novo, conforme a ideologia da época. O DIP tinha a finalidade de coordenar as atividades culturais do governo de Vargas e promover uma nova ideologia. Compreende-se como fundamental a explicação a seguir para que os discentes compreendam como funcionavam as ferramentas midiáticas de controle populacional em plena era dos extremos do início do século XX – ou seja, de forma manipuladora segundo os moldes nazistas, tais quais os estudos e aplicabilidade de Joseph Goebbels¹⁴. Compreender a ação do DIP no Estado Novo, assim, é necessária para a verificação da hipótese de que a memória da FEB foi apagada por interesses políticos à luz da época, o que se desdobrou em implicações para a construção de uma consciência histórica (AGUIAR, 2014) que integrasse a Força Expedicionária Brasileira.

¹³ O “Eixo” era formado pela Alemanha nazista, Itália fascista e Japão durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e foi uma aliança que teve fim com a queda de Hitler, bem como a de Mussolini e os ataques às cidades de Hiroshima e Nagasaki no Japão – todos os acontecimentos ocorridos em 1945.

¹⁴ Segundo Sciarretta (2013), Joseph Goebbels não pôde se alistar no exército alemão na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) por ser um homem manco. Dessa forma, elaborou um conjunto de ideias que o aproximou de Hitler em 1924, o tornando, durante o Terceiro Reich, ministro da propaganda. A atuação de Goebbels aconteceu sob a mistura de uma ideologia de extremo romantismo e enaltecimento do patriotismo, ou seja, o nazismo, que levou Hitler ao poder em 1933 e perseguia massas pela imprensa, propaganda e cinema. O DIP, no Brasil, se assemelhava aos ideais do molde propagandístico de Goebbels.

Figura 8: Explicação sobre o que foi o DIP.

Nacionalismo e propaganda

A exaltação de um ideal nacionalista, por parte do governo de Getúlio, teve o propósito de auxiliar sua política centralizadora que, muitas vezes, contrariava os interesses das elites regionais.

Com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares, foi criado, em 1939, o **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**. Esse departamento tinha a tarefa de coordenar, orientar e centralizar as propagandas interna e externa, controlar produções artísticas, dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo e organizar manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições e concertos.

Fonte: Projeto Araribá (2007, p. 154)

Figura 9: Explicação sobre a renúncia de Getúlio Vargas.

A renúncia de Vargas

Ao final da guerra, quando várias ditaduras, como o regime fascista na Itália e o nazista na Alemanha, foram derrotadas, a situação de Vargas tornou-se insustentável.

No poder desde 1930, ficava cada vez mais difícil para Vargas explicar como a ditadura brasileira tinha lutado, junto com os países aliados, contra as ditaduras na Europa. No campo interno, a oposição exigia mudanças. Manifestações estudantis lideradas pela União Nacional dos Estudantes (UNE) contra o nazifascismo passaram a agitar o país. Em outubro de 1943, a elite liberal de Minas Gerais lançou um manifesto público pedindo o fim da ditadura. Esse documento ficou conhecido como Manifesto dos Mineiros e foi a primeira manifestação pública de expressão contra o Estado Novo. Depois dessa, outras manifestações surgiram.

Pressionado pelos militares (o mesmo grupo que o conduziu ao poder, em 1930), Vargas foi obrigado a ceder e renunciou, em 1945.

Fonte: Projeto Araribá (2007, p. 151)

Figura 10: Êles lutaram pelo Brasil, Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 8 jun. 1970, edição nº 23.663, p. 44/88.

Correio da Manhã

Êles lutaram pelo Brasil

O ESPADIM

Trabalha e pensa, o velho, Costello Tom de São Paulo, que passou, ao se despedir de São Paulo, a vida em volta do grande rio — o rio São Paulo — com braços fortes e a vontade de trabalhar. O velho, com a vontade de trabalhar, não se despediu de São Paulo, mas de São Paulo. O velho, com a vontade de trabalhar, não se despediu de São Paulo, mas de São Paulo.

Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil. Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil. Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil.

Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil. Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil. Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil.

Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil. Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil. Hoje não é mais o mesmo o Brasil e não é mais o mesmo o Brasil.

Os jovens

Os jovens lutaram pelo Brasil. Os jovens lutaram pelo Brasil.

A juventude na II Grande Guerra Mundial

Os jovens lutaram pelo Brasil. Os jovens lutaram pelo Brasil.

Os jovens

Os jovens lutaram pelo Brasil. Os jovens lutaram pelo Brasil.

Os jovens

Os jovens lutaram pelo Brasil. Os jovens lutaram pelo Brasil.

Os jovens

Os jovens lutaram pelo Brasil. Os jovens lutaram pelo Brasil.

Os jovens

Os jovens lutaram pelo Brasil. Os jovens lutaram pelo Brasil.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

A análise de materiais didáticos que ilustram a problemática sobre a FEB se correlaciona à proposta de análise em classe de um fragmento do jornal “Correio da Manhã”, para que seja explicado os fatores que contribuíram para os “pracinhas” não serem lembrados e, até mesmo, esquecidos pelas instituições civis e militares durante a década de 1970. Na edição de 8 de junho de 1970, o jornal fez uma revisão da memória da FEB, mostrando ao leitor o sentimento do veterano brasileiro, todavia, sem citar que o entrevistado foi, na Segunda Guerra Mundial, um soldado da Força.

Fragmento onde se lê:

Êles lutaram pelo Brasil

Êle saiu de casa rumo ao trabalho e leu, no jornal, que o Regimento Sampaio ia comemorar, com uma festa, mais um aniversário no dia 24 de maio. José, que pertencera ao Regimento e que fôra ferido na Itália, decidiu que iria à Vila Militar visitar o “seu” 1º de Infantaria, após cerca de 25 anos, quando dera baixa, de volta da Itália.

E foi. O quartel estava enfeitado de bandeirolas, com muitos visitantes e a banda de música executando belas marchas militares que, para êle, José, traziam recordações alegres do tempo em que, muito jovem, apresentou-se, voluntário, para ir combater as forças nazi-fascistas na II Grande Guerra Mundial. **Encontrou-se, emocionado, com vários companheiros que, como êle, contribuíram, com uma parcela, embora bem modesta, para a liberdade de todos nós.** Conversaram sôbre muitas coisas. Reavivaram velhas e sólidas amizades que somente os que estiveram na Guerra sabem bem avaliar. Riram sôbre episódios engraçados, ocorridos nos campos de batalha e na retaguarda e, também, se lembraram, comovidos, dos seus companheiros que não voltaram. Rememoraram a véspera do embarque.

Os dias duros de instrução em Gericinó e as incertezas da viagem a bordo do “SS *MEIGS*”, o enorme transporte americano que os levou para Nápoles. A lembrança de tudo aquilo apertou sua garganta e José procurou andar, sozinho, pelo “seu” quartel, lembrando-se muito bem de cada detalhe, do pátio de formaturas, do rancho e do alojamento.

Vagarosamente, pôs-se a andar por aquêles lugares tão queridos, que traziam tão doces lembranças de sua juventude. Parou em frente ao alojamento da “sua” Companhia. E levou um choque quando ouviu alguém comentar, referindo-se aos dizeres escritos na parede: “Puxa! Bem que poderiam escrever uma frase mais alegre...” José, lentamente, leu a frase: **“Minha morte nada significa. O importante é a missão que vocês devem cumprir.”**

Não pôde conter as lágrimas. E êle, que enfrentara a morte tantas vêzes, que vira tantos amigos morrerem a seu lado, que já não era uma criança e que não era um emotivo, sentiu uma necessidade louca de sair do quartel. De ir para casa, para juntos de seus filhos, com seu pensamento voltado para os Apeninos, 25 anos passados, no dia 14 de abril de 1945, quando aquêle Batalhão – o II do Regimento Sampaio – o “seu” batalhão, cobria o flanco direito do 11º regimento de Infantaria, que tentava conquistar *Montese*.

Ali, nas proximidades de *Serreto*, êle ouvira aquela frase. Pronunciada por um menino, recém-saído da Escola Militar do Realengo, seu comandante de pelotão, segundos antes de morrer com o peito estraçalhado por uma granada inimiga. Francisco Mega era o nome dêsse bravo. A banda de música entoava a canção do Regimento. A canção que êle cantara tantas vêzes aqui no Brasil ou na Itália, em Piacenza, onde o Sampaio ficara estacionado, terminada a Guerra.

José ajeita a gravata, se recompõe e sente uma imensa alegria de estar vivo, de viver uma vida normal, com sua família e quatro filhos. A vida que aquêle bravo não pudera gozar. Maquinalmente, êle acompanha a banda, cantarolando:

- Nossa fama se perde distante,
No silêncio de tempos passados
Onde vemos erguer-se, gigante,
A memória de bravos soldados.”

O agente da estação da Vila Militar estranhou que aquêle homem maduro, **vestido modestamente**, com um raro brilho nos olhos, esperasse o trem cantando o hino baixinho. Não sabia que, naquele momento, José prestava, à sua maneira, uma homenagem ao bravo que vira morrer, coberto de sangue, nas terras que ajudara a libertar do jugo nazi-fascista. (CORREIO DA MANHÃ, 1970, p. 44, grifo nosso)

A análise do supracitado documento destaca, dentre outros, os fatores políticos e o enaltecimento da tradição e do patriotismo, ou seja, a “história de heróis”. Evidencia em seu corpo de texto “heróis”, como o aspirante resendense Francisco Mega, relembando o seu tombamento perante o seu regimento, o Sampaio, no combate de Montese em 15 de abril de 1945. Segundo Bento (2015, p. 62), o aspirante Mega teria dito a frase inscrita relatada no jornal como forma de motivação para seus soldados: “A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que vocês ainda têm para fazer. Prossigam na luta!”

Sendo o único aspirante de carreira¹⁵ morto em combate, a ênfase neste “Herói” cumpre a função de empolgar homens no pelotão, por um exemplo de bravura a sangue frio, no qual Bento (2015) enfatiza, segundo sua visão histórica patriótica, “que o oficial só demonstrou fraqueza ao rezar prestes a falecer”. Entretanto, em nenhum momento do último documento é ressaltada a história do grupo como um todo e a dificuldade do ex-soldado brasileiro em sobreviver depois da guerra, bem como de suas dificuldades no cenário beligerante, na qual aponta que “contribuíram, com uma parcela, embora bem modesta, para a liberdade de todos nós” (grifo nosso). Ou seja, o documento faz menção, apenas à história do oficial, do “herói de guerra”. Este problema, assim, será discutido no próximo capítulo.

Por esse motivo, a análise documental de jornais de época em sala de aula, ainda que de fragmentos, se faz necessária. A educação passa a não ser mais bancária, atingindo os níveis de reflexões para o reconhecimento de personagens históricos que lutaram efetivamente para o rompimento de um paradigma e, ainda, repercutem na síntese do “todo temporal” para a construção do conhecimento histórico em paralelo à noção de identidade humana, segundo os estudos de Aguiar (2014). Isso corrobora para que o cidadão não mais se deixe levar por insinuações e generalizações midiáticas.

¹⁵ Segundo os estudos de Ferraz (2012), os oficiais da Força Expedicionária Brasileira eram divididos em: Oficiais de Carreira (Formados pela Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN ou Escola Militar do Realengo – EMR) e Oficiais Temporários (Formados para o combate da FEB pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR). Nesse momento, foi analisado o tombamento do Aspirante Mega segundo Bento (2015), na qual se memora por ser uma das principais provas da Arma de Infantaria na AMAN, ou seja, que leva seu nome. Todavia, posteriormente será analisada a importância de Oficiais Temporários, como o Aspirante Mesquita, para o confronto e a representatividade de sua memória para a nova história.

1.3. Historiografias para a pesquisa da FEB: Patriótica, Revisionista e Nova História

A aplicabilidade da metodologia da utilização de fontes históricas, como fragmentos de jornais, sobre a FEB em sala de aula, de acordo com uma anterior abordagem qualitativa de levantamento de dados sobre o esquecimento da FEB nos materiais didáticos, desperta no aluno a ideia da pesquisa histórica, tal qual nos traz Ginzburg, segundo Teixeira (2012, pp. 18-19), sobre o paradigma indiciário¹⁶. Em paralelo, no Capítulo 2 será feita a fundamentação teórica de acordo com os estudos de autores civis e militares acerca do tema da pesquisa. Contudo, é importante direcionar as vertentes historiográficas as quais estão delimitados esses estudos: tradicional ou patriótica, revisionista e nova história. Esta última, ainda, se divide nos estudos sobre a memória dos ex-combatentes e os novos estudos sobre o tema. Com o intuito de elucidar quais os autores nos auxiliaram no debate historiográfico sobre a discussão sobre a atuação e desmobilização da Força Expedicionária Brasileira, será feita uma discussão historiográfica sobre as supracitadas linhas de pesquisa.

Segundo Teixeira (2012), “Patriótica”, ou também conhecida como historiografia Tradicional, é constitui-se a pautada nos estudos de Leopold von Ranke, ou seja, a análise científica primária, baseada em noções positivistas de celebrar e memorar grandes feitos nacionais e de vitórias em combates, com posicionamento de inspiração nacionalista e com discursos fundamentados na defesa do patriotismo. O mais importante é entender que a historiografia patriótica militar venera a memória dos agentes históricos por suas autobiografias e biografias. Neste campo são identificados: Cansação (1987), Silveira (2001), Silveira e Mitke (1993), Bento (2015). Os três primeiros estudos, por sua vez, foram de autores veteranos que participaram do confronto: a primeira como enfermeira, o segundo como infante, e Silveira e Mitke (1993), como auxiliares do correspondente de guerra, Rubem Braga. O último, de forma diferente, não participou da Segunda Guerra, mas é um historiador militar que utiliza o tom de enaltecimento do “herói” Aspirante Mega.

O campo “Revisionista” da História, por sua vez, ancora-se em abordagens historiográficas sobretudo de cunho econômico e político de viés marxista, que apontam abordagens de análise social, política e econômica.

¹⁶ Segundo Teixeira (2012, pp. 18-19), o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, abriu novas portas para a pesquisa histórica. Dentro de um amplo conceito, a micro-história surgiu como um desdobramento da história das mentalidades de Lucien Febvre, idealizador dos *Annales* com Marc Bloch. “No lugar das ‘totalidades’ dos *Annales* (civilização, mentalidade, sociedade), Ginzburg propõe a investigação dos temas (...)”. (TEIXEIRA, 2012, pp. 18-19) Esse comportamento é despertado no aluno a partir do contato com materiais históricos que ilustrem efetivamente o que o professor está constatando em mostrar uma crítica sobre a história. O discente passa então, a entender o conceito da crítica e pesquisar para romper com os paradigmas históricos.

Os fatores que devem ser observados nessa linha são, principalmente, da observação de discursos que combatem o nazifascismo, ao mesmo tempo que explicam os movimentos de luta das massas em prol de uma revolução. Nesse prisma, esse estudo dialoga com o tópico anterior, na tentativa de entender que todos tem a ideologia de combate ao extremismo alemão durante o período. A forma com que a organização das ideias se dá é o que diferencia ambos, até mesmo porque, nesta abordagem, o sentimento de revolução se destaca perante aquele nacionalista. Os autores com essa abordagem no presente estudo são: Borges (2013), Corrêa (2011), Freire (2018), Hobsbawm (1995), Sciarretta (2013) e Teixeira (2012).

O último campo da História a ser analisado volta-se à historiografia da “Nova História”, que, segundo Burke (1992), é marcada pela abertura à escrita da história contemporânea, concentrando informações sobre abordagens recentes de problemas fundamentais, tanto políticos, econômicos, quanto culturais, mas, principalmente, sociais. Tem como foco os “novos problemas, novas abordagens, novos objetos (...) Mais exatamente, é a história associada à *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*.” (BURKE, 1992, p. 2) É aquela que valoriza as novas abordagens, como reação, dentre outros, ao paradigma tradicional de Leopold von Ranke, de cunho apenas político. Um de seus eixos relaciona-se à análise das estruturas das mudanças sociais no tempo, segundo Braudel. Por outro lado, destaca-se pelo combate ao viés tradicional da história vista de cima, conforme feito por Keegan (1995), como aponta Burke (1992).

No tocante à delimitação sobre o amplo estudo da memória e de consciência histórica, principalmente no que diz respeito à História Militar estão: Aguiar (2014), Ferreira (2013), Ferraz (2012), Franco (2020), Keegan (1995), McCann (1993), Pollack (1989) e Trevisan (1985). Por fim, e com evidência, estão os novos estudos sobre história militar em paralelo à nova história, presentes nos Programas de Pós-Graduação em História (PPGH)¹⁷, utilizando discussões acerca não só da presença da FEB no teatro de operações, mas fundamentando-a com as pesquisas supracitadas. Dentre estas análises estão os estudos de: Faria e Pereira (2018), Pedrosa (2011), Rodrigues (2012), Santos (2018) e Soares e Vasconcelos (2018).

¹⁷ Este último tópico reflete a necessidade da reformulação de estudos nos programas de pós-graduação sobre a nova história, com efeito, nos estudos civis sobre militares. Já não mais limitados ao fato de serem militares falando sobre militares, as discussões, com embasamento teórico e prático, são inovadoras e contribuem com os estudos acadêmicos. Conforme será apresentado a seguir, foi com a oportunidade de realizar um projeto voluntário de iniciação científica na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), sob a orientação do Professor Dr. Fernando da Silva Rodrigues, que foi conhecido um grande acervo de informações e possibilidades de trabalhos com as fontes primárias sobre História Militar na Educação Básica.

1.4. Pesquisa de campo: atividades discentes sobre a FEB na licenciatura em História

A experiência empírica adquirida para o desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso foi iniciada com a inscrição como pesquisadora voluntária no Grupo de Estudos sobre História Militar, Política e Fronteiras¹⁸, a convite do Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues (UNIVERSO) em novembro de 2018. Tal convite foi realizado após apresentação de estudos sobre o “Corpo de Enfermagem na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)” (Figura 12), sob orientação do Prof. Me. Fabio da Silva Pereira (UNIRIO), durante os eventos: “II Seminário sobre a Nova História Militar” e “I Encontro de Iniciação à Pesquisa Histórica”. Esse último, por conseguinte, aconteceu sob minha organização com a colega de curso Rita de Cássia Almeida Silva, sob orientação do Prof. Me. Rafael Roesler (UNIRIO), ambos do polo Resende-RJ em 2018.

Figura 11: À esquerda, Prof. Me. Fabio da Silva Pereira. À Direita: Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues.



Fonte: Contribuições da autora.

Figura 12: Primeiro trabalho discente sobre a atuação da FEB.

A ENFERMAGEM NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: O PAPEL HUMANO NOS CONFLITOS DO FRONT ITALIANO

1. Objeto de Pesquisa:
Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), a atuação da FEB contou de voluntárias para atuarem no cuidado de feridos durante os combates no front italiano. Essas atuaram tanto como enfermeiras, quanto assistentes sociais no atendimento de traumas presenciados pelos prisioneiros no conflito.

2. Metodologia:
A análise foi realizada de acordo com a revisão bibliográfica, de maneira a explicar os desafios apresentados pelas práticas e sua importante atuação nos cuidados de enfermagem durante a guerra, em três diferentes abordagens em relação a historiografia.

3. Teoria:
Sua(1)2018) desmita suas abordagens de acordo com as revistas anais de história de enfermagem, Causação (2007) e Injeção (2010) estabelecem a visão gerencial. Enquanto Bernardi e Lopes (2007), de maneira ressaltativa, se aprazim emancipação de mulher no ambiente militar.

4. Fotografias:
4.1. Adaptação e Marcha para o Conflito

5. Análise de Resultados
Os documentos e a historiografia dialogam, no sentido de estabelecer um contexto de superação dos grandes desafios propostos para ambiente hostil da guerra. Esta problemática é acompanhada por mais diversas referências bibliográficas.

6. Considerações Finais:
A atuação das práticas no front italiano representou uma nova perspectiva na saúde e sociedade brasileira. O trabalho das práticas de enfermagem e assistência social muito contribuiu para a vitória dos aliados em 1945 e a valorização do trabalho feminino na guerra.

7. Referências:
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2011). Guia de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

6. Dados:
Autora: Florence Aleazar Moreira Mendes
Orientador: Fabio da Silva Pereira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

feb.brasil • Seguindo

feb.brasil A graduanda em História @loraleazar2 desenvolveu uma pesquisa sobre a atuação das Enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira e pretende avançar os estudos sobre o assunto.

Sucesso!!!! #FEB
#Brasil
#Exército
#aCobraFumou
#SegundaGuerraMundial
#Saúde
#Enfermagem
#EnfermeirasdaFEB
#Pesquisa
#História
#Unirio

Curtido por legitimadefesa_br e outras 679 pessoas

30 DE OUTUBRO DE 2018

Os comentários nesta publicação foram limitados.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bpk5_8aF9r2/>

¹⁸ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/236181>>

Na apresentação do pôster sobre a atuação das enfermeiras da FEB, o Prof. Dr. Fernando Rodrigues me fez o convite para conhecer a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e assim, tive a minha primeira participação em uma reunião sobre a delimitação de pesquisa científica. Nesse momento, o Professor me convidou para integrar, a nível de iniciação científica, o projeto “Fontes de História Militar”¹⁹, no trabalho de identificação e de indexação de informações sobre fontes primárias e outros temas da História Militar, em locais como o Arquivo Histórico do Exército (AHEx). Essa reunião foi ministrada em março de 2019 na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) em Niterói-RJ pelo Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues.

Figura 13: Reunião do grupo de pesquisa sobre o projeto “Fontes de História Militar”.



Fonte: Contribuições da autora.

Além do projeto de iniciação científica incentivado pelos pesquisadores supracitados, bem como o restante do grupo de pesquisa, também foram desenvolvidas atividades no Blog da Estagiária do LHMPF²⁰, que tem como iniciativa transformar a linguagem da História Militar mais didática no meio civil. Isso foi proporcionado com atividades de participação a convite dos pesquisadores, bem como em valorização à pesquisa científica brasileira. Foram assistidas palestras para o entendimento da temática, tanto presenciais quanto online, de: Fernando Rodrigues, Fernando Velôzo Pedrosa e Carlos Daróz. Em paralelo, fui agraciada com livros dos mesmos pesquisadores e também de Leonardo Montanholi dos Santos.

¹⁹ Disponível em: <<https://fontesdehistoriamilitar.org/>>

²⁰ Disponível em: <<https://historiamilitar.wixsite.com/universo/blog>>

Figura 14: À esquerda Prof. Dr. Fernando Pedrosa. Centro: Prof. Me. Leonardo Montanholi dos Santos. À direita: Prof. Me. Carlos Daróz.



Fonte: Contribuições da autora.

A pesquisa de campo envolveu a familiarização com a temática em revisões bibliográficas, além do contato com as fontes primárias, palestras e, ainda, visitas a centros de memória da FEB e conservação do patrimônio histórico: Museu Conde de Linhares (RJ), Museu da República (RJ) e Museu do Comando Militar do Oeste (MS).

Figura 15: Visitas ao Museu da República (RJ), Museu Conde de Linhares (RJ), e Museu do Comando Militar do Oeste (MS).



Fonte: Contribuições da autora.

Na Figura 15 é possível verificar algumas das visitas aos centros de memória da FEB. À esquerda, a visita ao Museu da República, antigo Palácio do Catete, local onde Getúlio Vargas assinou a declaração de guerra em 1942. No centro, uma visita ao Museu Militar Conde de Linhares, em São Cristóvão - RJ, na sala que homenageia a Major Enfermeira Elza Cansação (quadro e busto à direita) e o Marechal Mascarenhas de Moraes (busto à esquerda). Tais bustos, presentes no Museu, foram esculpidos pela mesma Elza Cansação, mulher militar mais condecorada do Brasil, com 200 medalhas. À direita, o livro de memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes, exposto no Museu do Comando Militar do Oeste, no Mato Grosso do Sul. Na placa, a qual se lê:

A FEB pelo seu Comandante. Introdução: Das obras publicadas sobre a atuação das tropas brasileiras em território italiano durante a Segunda Guerra Mundial, nenhum superou a extensão documental do livro ‘A FEB pelo seu comandante’ que se elaborou no primado da verdade, haurida nas mais autênticas fontes, e ao qual imprimimos a maior fidelidade e amplitude de pormenores e conceitos, tão necessários à clareza e interpretação dos fatos relatados.

Por fim, destaca-se a visita ao Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, durante o “XXX Encontro Nacional dos Veteranos da FEB”, proporcionada pela “Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira” (ANVFEB) em 02 de dezembro de 2018, no qual foram conhecidos alguns dos ex-combatentes ainda vivos, na faixa dos 90 a 100 anos de idade. Ou seja, 73 anos após finalizada a Segunda Guerra Mundial (1945-2018), tive a oportunidade de conhecer presencialmente, no evento supracitado, os ex-combatentes: Anselmo Alves, Juventino da Silva e José Cândido da Silva.

Figura 16: XXX Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, em 02 dez. de 2018.



Fonte: Contribuições da autora.

Na Figura 16 é ilustrada a realização do “XXX Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira”. O evento contou com a realização da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – ANVFEB, do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército – DPHCEX, do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército – CEPHiMEx, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – IGHMB, do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM, dentre outros. Da esquerda para a direita, veteranos brasileiros da Segunda Guerra Mundial: ex-Combatente Anselmo Alves, ex-Combatente Juventino da Silva e ex-Combatente José Cândido da Silva.

O presente trabalho, de acordo com as percepções sobre o esquecimento desses veteranos pela História, tem natureza descritiva e qualitativa, com análise de dados realizada em discussões teóricas, análise do Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro, análise do Jornal “Correio da Manhã” (1970) e análise do material didático do Ensino Fundamental do Projeto Araribá (2007) como exemplo sobre como trabalhar com a FEB em sala de aula.

Foi utilizada também, para a percepção da receptividade do tema pelos discentes, o seminário temático sobre a FEB no CIdEx, diálogos nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II no CIEP 488 e no Pré-Vestibular Social *Leonhard Euler* da UNIRIO. Os conceitos analisados foram de referencial teórico por autores de historiografia patriótica, revisionista e nova história, segundo a formação neste Curso de Licenciatura em História.

CAPÍTULO 2: “VOCÊ SABE DE ONDE EU VENHO?”: Discussões teóricas para uma aula sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1943-1945)

Os estudos sobre a Força Expedicionária (FEB), trazem à tona uma série de questionamentos e proporcionam uma incessante busca por esclarecimentos pautados nas revisões bibliográficas da nova história. Dessa forma, segundo Pedrosa (2011), os estudos sobre a História começaram com o repasse de informações sobre os feitos de guerra, ou seja, da história militar, desde Heródoto (485-420 a.C.) até a contemporaneidade. “Tradicionalmente, a História Militar tem sido a história das guerras, campanhas, batalhas e feitos dos grandes generais, bem como o registro de todas as atividades das forças militares na guerra e na paz.” (PEDROSA, 2011, p. 2)

De acordo com o que foi apresentado no Capítulo 1, a frase “Você sabe de onde eu venho?” compõe o trecho inicial da primeira estrofe da Canção do Expedicionário²¹. O hino militar, com a letra de Guilherme de Almeida e composição de Spartaco Rossi, se tornou a representação musical da Força Expedicionária Brasileira, sendo gravada em 08 de setembro de 1944 e entoada durante o conflito pelos combatentes, meio à bombardeios nazifascistas. Os versos ainda trazem menções ao hino nacional brasileiro e interpretações das obras de caráter romântico, de José de Alencar e Gonçalves Dias, com menções patrióticas da época.

Conforme ainda destacado no Capítulo 1, o presente estudo compreende três formas de abordagens historiográficas que contribuíram para a solidificação do eixo temático, sendo estas: a historiografia Tradicional ou Patriótica, a historiografia Revisionista e a Nova História. O necessário estudo sobre a história militar do Brasil, a partir de uma perspectiva ampliada e com referenciais na Nova História Militar, bem como os feitos de guerra, refletem na construção das características individuais e coletivas dos cidadãos, sobretudo no que diz respeito ao culto à nacionalidade, sem que essa surja com o viés romantizado, base para os extremos ideológicos que permearam as nações durante o século XX, segundo o que aborda Hobsbawm (1995).

Segundo Teixeira (2012, pp. 48-61), a historiografia advinda com os Annales, a partir dos trabalhos de Marc Bloch e Lucien Febvre, analisa os fatos não com juízo de valor, de culpa ou mérito, presente na abordagem patriótica. Com base nesta dimensão historiográfica, é necessário entender a história total, bem como a história das mentalidades, com o intuito de fugir do apego ao símbolo de Nação que, romanticamente desenvolvido, pode se tornar extremista.

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lmqoUPuNBNM>>

Os extremos de um sentimento nacionalista, desenvolvido em todo um eixo de acontecimentos, conforme destaca Teixeira (2012), culminam em um século de fortes embates bélicos, ou seja, o decorrer do século XX. Nessa tratativa, existe também a necessária compreensão de que fazem parte de uma série de revanchismos aos quais foram despertados com as disputas de território e formação dos exércitos nacionais. Segundo Sciarretta (2013, p. 217), esses foram fatores essenciais para o despertar do cenário beligerante que simbolizou a mistura entre ciência e barbárie de 1939 a 1945.

Hobsbawm (1995) explica que a humanidade sobreviveu, não sem esforços ao que diz respeito às catastróficas guerras mundiais, quando o território europeu passou a ruir. “Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra.” (HOBBSAWM, 1995, versão kindle posição 526). Nesse ínterim, Hobsbawm (1995) ainda destaca que a globalização, tanto com o avanço das duas guerras mundiais, quanto no acelerado processo de corrida tecnológica e armamentista, instaurou uma característica de tensão social, assim, para um cenário coletivo de acomodação frente às ideologias, no que diz respeito à memória da guerra.

A nova forma de realizar a escrita da história contemporânea, conforme ilustra Burke (1992), concentra delimitações acerca de problemáticas fundamentais: sociais, econômicas, políticas e culturais. Segundo o autor, os estudos vão contra ao viés tradicionalista da história vista de cima, com o enaltecimento de heróis e, ainda, com a criação e a perpetuação de estereótipos. Isso remete a outras abordagens, como aponta Keegan (1995), que estuda a pesquisa histórica de acordo com a memória dos veteranos mesmo sem presenciá-la, evidenciando como o fator cultural reflete uma representatividade na perspectiva do indivíduo civil e do militar em sociedade. Ademais, Pedrosa (2011) analisa que essas discussões historiográficas explicam os estudos práticos e teóricos sobre experiências militares passadas, e como essas estratégias passaram a ser incorporadas nas Escolas de Estado-Maior durante os séculos XIX e XX, ainda mais após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. As questões que devem ser trabalhadas então, esboçam algo além do que a própria formação de um corpo expedicionário, antes, durante e após o conflito armado em solo italiano. Segundo o que ilustra Ferreira (2013), é necessário que tópicos da historiografia tradicional sejam revistos, em especial, no que diz respeito à lembrança das datas históricas.

2.1. “Hello Friends!”²² A aliança entre Brasil e Estados Unidos da América.

Em um amplo cenário de tensões, a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aconteceu durante o período do Estado Novo (1937-1945), em fins da Segunda Guerra Mundial em território italiano, sob domínio das tropas nazistas. Isso ocorreu, conforme supracitado, após o consequente torpedeamento de navios por submarinos do Eixo²³ na costa brasileira, aos quais, posteriormente, foi declarado guerra, em agosto de 1942 em aliança aos Estados Unidos, sobretudo após os ataques a Pearl Harbor (1941) (Rodrigues, 2012).

A mobilização de uma força expedicionária, de acordo com as análises de Ferraz (2012), é ilustrada em um total despreparo nas Forças Armadas brasileiras como um todo, sobretudo no que diz à modernização do Exército brasileiro para um conflito nunca antes visto. O que não se esperava era que o planejamento estratégico brasileiro tivesse que ser totalmente reformulado para que fosse ajustado à “guerra contemporânea” ou “guerra total”, já não mais aquela “guerra de posição”, como na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), segundo as considerações de Ferraz (2012) e Pedrosa (2011).

É necessário frisar que tais acontecimentos, durante a Segunda Guerra Mundial, culminaram em manifestações cívicas para que o Brasil entrasse no confronto, conforme elucidada Cansanção (1987) de acordo com as suas memórias de guerra. Neste mesmo raciocínio, Santos (2018) explica que a propaganda nesse momento aquecia as sensibilidades e tendia “a provocar paixões²⁴, visando assegurar o domínio sobre os corações e mentes das massas. Existem dois fatores nesse momento são explicados por Santos (2018): os aspectos culturais e os econômicos. O primeiro diz respeito à aproximação estratégica do Brasil com os valores norte-americanos no sentido cultural.

E ostentando essa qualidade de símbolo cultural do Brasil para consumo externo, Carmen Miranda representou a contribuição do preferencial aliado dos EUA na América do Sul para o seu esforço de desmobilização civil, na transição do estado de guerra para a paz, no contexto de intercâmbio cultural proporcionado pela “Política de Boa Vizinhança”. Outra relevante contribuição cultural brasileira para a Campanha dos Bônus de Guerra foi também a participação de outro ícone da Aliança Brasil-EUA nessa época, o papagaio “Zé Carioca”, criado por Walt Disney ao produzir o desenho animado *Saludo Amigos* (Alô Amigos), em 1942, para contracenar com o marinheiro americano Pato Donald. (SANTOS, 2018, p. 159)

²² “Walt Disney goes South American!” O “Hello Friends”, “Saludos Amigos” ou “Alô Amigos” é um musical em desenho animado que une elementos culturais brasileiros da década de 1940 aos desenhos norte-americanos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VEulxiQFm-s>> Acesso: 29 nov. 2020 às 02:32.

²³ As tropas do Eixo correspondiam à aliança firmada entre a Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão.

²⁴ Conforme ilustrado, o sentimento nacionalista advinha dos regimes totalitários e impactou o regime de Vargas.

Tal fenômeno acontecia por meio de elaboração de canções, produções artísticas e desenhos criados por Walt Disney, que, a título de exemplificação é demonstrada e estudada a criação do personagem Zé Carioca em “Alô Amigos”, um desenho da década que 1940, que ilustra traços culturais entre os dois países. Tudo tinha como finalidade a caracterização de investimentos econômicos, por meio de uma espécie de enlace social e cultural entre os dois países, devido ao interesse estratégico dos EUA notados nos estudos sobre a “Política de Boa Vizinhaça”²⁵ que passou a ocorrer, sobretudo na arrecadação dos bônus de guerra.

Figura 17: Alô Amigos, um desenho de Walt Disney.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=VEulxiQFm-s>>

Na década de 1940, o Pato Donald chegou ao Brasil para conhecer as maravilhas do Rio de Janeiro com seu amigo José Carioca. O “Alô Amigos” foi criado para identificar elementos culturais brasileiros à luz da época e inseri-los na cultura norte-americana, tal qual ilustra Santos (2018). Como uma forma de apaziguar as relações entre os países, visava, também, a conquista de uma aliança estratégica com o país tropical, exportador de matérias-primas. Foi o que solidificou o início do “poder brando”, segundo Pereira (2017) e Santos (2018). Mesmo assim, é importante explicar, de acordo com a revisão bibliográfica, como isso tudo aconteceu. Nesta conjuntura, existiam aspectos ideológicos que iam da influência dos regimes do Eixo no contexto brasileiro até a mudança para uma aproximação com o viés democrático, de acordo com as tratativas de investimentos norte-americanos no cenário econômico e os interesses de Vargas segundo o que enfatiza Rodrigues (2018).

²⁵ Iniciativa política utilizada por Franklin Delano Roosevelt após o “crack” da bolsa de valores de Nova York de 1929, nas entrelinhas do *New Deal*. Este último, era o conjunto de medidas tomadas pelos EUA (1933-1937).

Por conseguinte, é necessário destacar que os fatores culturais, do comportamento do cidadão brasileiro à luz da época influenciaram no apagamento da atuação dos soldados na guerra. Os interesses pautados para estratégias territoriais, segundo o que foi apontado anteriormente por Santos (2018) celebravam acordos de investimentos e até mesmo de aplicabilidade de recursos para o fomento ao desenvolvimento industrial. Esse foi o caso da construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda-RJ (CSN) em 1941, mesmo que ainda não representassem investimentos diretos para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial²⁶.

A iniciativa desses acordos com os Estados Unidos da América (EUA) surgiu com o intuito de estabelecer uma parceria com o Brasil e para a produção de materiais que seriam utilizados em casos da guerra. No decorrer do cenário beligerante e, ao ter a costa nordeste bombardeada por submarinos alemães conforme já foi mencionado, a pressão para uma aliança com os EUA, segundo o que mostram Ferraz (2012), Rodrigues (2012), Santos (2018) e McCann (1993), foi ainda maior. Isso ocorreu não no sentido de se estabelecer uma nova democracia no Brasil, mas em “defendê-lo” do domínio nazista:

O interesse do governo norte-americano não era no estado ideológico do governo Vargas e, sim, mantê-lo cooperativo e útil aos interesses do Estados Unidos. E a Vargas, tudo indica que interessava mais sua política nacional desenvolvimentista do que a questão ideológica do seu regime. Havia a necessidade de manter o Brasil longe dos interesses comunistas e fascistas. O presidente brasileiro se tornou, então, o preferido, o mal menor, melhor que o desconforto de um regime político contrário aos interesses norte-americanos dentro do continente. (...) Para os oficiais do Estado-Maior do Exército, ao final da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado do Exército norte-americano, mostrou-se a urgência de uma profunda reorganização e modernização do Exército. As considerações finais do Relatório Anual do EME, de 1945, estabeleceram um grito de alerta para essas modificações, inclusive enfatizando a premência de se adotar a organização e a doutrina militar americana, baseadas na motomecanização, e, para tanto, ainda se esperava o auxílio dos Estados Unidos da América. (RODRIGUES, 2012, pp. 60-61)

E ainda, Santos (2018) explica que:

Esse projeto de integração Americana, conhecido como “Política de Boa Vizinhança”, não deve ser visto apenas sob a ótica da preservação da segurança dos Estados-partes contra uma política americana de alianças com os seus vizinhos do centro e do sul do continente, visando a sua hegemonia política, econômica, cultural e ideológica, não através da força, mas da prática do *soft power*, ou seja, pelo uso da cooperação e intercâmbio mútuos. (SANTOS, 2018, p. 47)

²⁶ Segundo o que ilustra Santos (2018, p. 39), as duas Grandes Guerras Mundiais trataram de esboçar os conflitos entre os intitulados Estados Nacionais, evidentemente no tocante aos elementos de poder, sendo eles: o econômico, o militar e com efeito, a opinião pública. Por conseguinte, Ferraz (2012, p. 47) também explica que após *Pearl Harbor* (dezembro de 1941), haviam pressões americanas para que o Brasil tomasse partido na guerra, mesmo que estes já estivessem direcionados estrategicamente nos portos brasileiros nordestinos antes dos ataques do Eixo. Isso tudo, como cita o autor, acontecia meio a pressões populares também.

Em paralelo aos estudos de Santos (2018) sobre o *soft power*, Pereira (2017) elucida que os governos, sobretudo aqueles envolvidos no conflito da Segunda Guerra Mundial, utilizavam artifícios desse “poder brando” com o intuito de promover ações menos agressivas para atingir resultados de forma efetiva. Visavam atingir “os meios econômicos e, sobretudo, culturais, [pois] trazem maior efetividade no que se refere à projeção e à legitimação do poder em determinada região”. (PEREIRA, 2017, p. 296).

Era esse contingente, despreparado para ações militares de tamanha envergadura, heterogêneo em todos os sentidos — estado de origem, etnia, grau de instrução, posses, crenças políticas, religião — que embarcou, em cinco escalões, para a guerra na Europa. Jovens, na sua maioria entre 20 e 30 anos de idade, possuíam origens, geralmente, nas classes trabalhadoras das cidades e das regiões rurais. Entre os oficiais, da ativa e os da reserva convocados, apenas uma pequena parte possuía treinamento nos Estados Unidos. Mas, para todos eles, o que vivenciaram a partir de então, seria algo inteiramente novo. (FERRAZ, 2012, p. 69)

Ademais, o diálogo estabelecido por Rodrigues (2012) e Ferraz (2012), sobre a estruturação do corpo expedicionário apontam para o que Santos (2018) e Pereira (2017) ilustram no cenário diplomático entre Brasil e EUA. As Forças Armadas, da época, dos dois países eram “mal aparelhadas com equipamentos obsoletos” (FERRAZ, 2012, p. 80) e na FEB, com efeito, ainda era perceptível a nula experiência em combate, por se tratar de um país tipicamente agrário. No tocante aos armamentos, ora oriundos da Primeira Guerra Mundial, ora treinados com cabos de vassouras, como ilustra Silveira (2001) refletiam na preocupação dos oficiais em níveis de combate no cenário da “guerra total”.

Figura 18: O soldado febiano leva seu amigo papagaio para a guerra. Ou será que aconteceu o contrário?



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional sobre a FEB.

Santos (2018), por sua vez, chama a atenção para a desproporção da cultura do brasileiro em relação aos cenários bélicos: o Brasil participou ativamente de uma única disputa em vigência de ameaças externas com outras nações, sendo ela a Guerra da Tríplice Aliança (ou Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870). Segundo o autor, a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, mesmo que eficiente, fora simbólica, por contar com um pequeno efetivo de observadores e médicos. Durante o desenvolvimento dos estudos, tais questões apareceram em constante crescimento, correlacionando os interesses estratégicos dos Estados Unidos da América em não só estabelecer uma “política de boa vizinhança” com o governo brasileiro, mas também de proteger o território contra a “ameaça” de expansão, tanto comunista quanto nazifascista, segundo as abordagens de Sciarretta (2013) e Corrêa (2011).

2.2. “Esse ‘V’ que simboliza a vitória que virá”: A atuação da FEB no front italiano.

A estruturação da FEB esteve delimitada em um amplo contexto de divergências, sobretudo no que diz respeito à sociedade da época. É possível enumerar que existia, no contexto social, o problema do analfabetismo em massa dos cidadãos brasileiros e daqueles que viriam a ser convocados como soldados, bem como a de fatores alimentares e dificuldades de saneamento e saúde, conforme citados no estudo de Faria e Pereira (2018). Ademais, existiam também fatores de ordem política, segundo o que apontam Santos (2018) e Ferraz (2012) sobre a transição do governo Vargas e o jogo político da época, ainda, pela influência do Departamento de Imprensa e Propaganda, conforme ilustra Cansanção (1987):

E FOI ASSIM... Que no dia seguinte, o famoso DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) transmitia o seguinte comunicado à Nação: “O Senhor Presidente da República reuniu, hoje, o Ministério, tendo comparecido todos os ministros. Diante da comprovação dos atos de guerra contra a nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras Alemanha e Itália.” Relutava o governo fascista da época, o ditador tupiniquim, Getúlio Vargas, em declarar guerra ao seu líder Hitler, mas o povo estava revoltado e ele sentiu que se não o fizesse, corria o risco de ser deposto. Ladino como era, optou pela primeira hipótese e finalmente a 31 de agosto de 1942 assinou o Decreto n. 10.358, no qual foi declarado o “estado de guerra” em todo o território nacional, de acordo com os artigos 74 e 171 da Constituição Federal. (CANSANÇÃO, 1987, pp. 31-33)

O cenário belicista, conforme destaca Keegan (1995) é o local do medo, da angústia, principalmente em defesa de um confronto que não se entende o porquê de estar acontecendo, da mesma forma que, dentre os estudos de McCann (1993), os soldados brasileiros não entendiam o porquê de estarem no *front*²⁷.

²⁷ Também entendido como a frente de batalha ou o teatro de operações, corresponde, nesse caso, à operação em ataque à linha gótica no território italiano na qual ocupava o exército nazista.

Isso é explicado de acordo com as memórias dos veteranos e a revisão de bibliografias que ilustram esse sentimento de estranhamento e dor. Segundo Silveira e Mitke (1993):

Então isso é que é a guerra? – eu me perguntava. Ambulâncias se enfileiravam no cais, descarregavam feridos. Bandos de soldados ruidosos, meio bêbados, enchiam as ruas. E quando veio a noite – a primeira – veio completa, definitiva, camadas e mais camadas de treva e nevoeiro. Munido de minha lanterna, arrisco andar pelo centro da cidade – aventura que me enche o coração de medo: é um desafio! Vozes e ruídos vêm da escuridão, indistintos, como um marulhar.

Mulheres riem como autômatos, num exagero de batom, algumas vestidas apenas com os pesados casacos que as cobrem. Na praça de canteiros já sem forma, a estátua equestre de um herói qualquer havia perdido um pedaço do pedestal, agora transformado numa disforme ferida de cimento. E chegam do cabaré – ou *music box* – próximo, destinado apenas aos soldados, os sons de um *blues* mal tocado. (SILVEIRA, MITKE, 1993, p. 49)

A Nova História Militar, explicada tanto por Ferraz (2012), quanto por Pedrosa (2011), dialoga com os conceitos de valorização da memória ilustradas por Pollack (1989), em um sentido não de enaltecer ideologias, mas entender os sentimentos e traumas causados no povo e no soldado, segundo o que foi ilustrado por Silveira e Mitke (1993). Em paralelo, é necessário entender como essa construção de aspectos cognitivos de um contingente que era analfabeto e que sofreu os horrores da guerra se destacam na memória do coletivo atualmente, para a reafirmação identitária e desenvolvimento do sentimento de pertencimento, segundo o que entende Aguiar (2014) na construção da consciência histórica no presente.

Esse sentimento é perpetuado pelo cenário beligerante, pautado nas questões de ideologias nacionalistas radicais. De acordo com o que ressalta Silveira (2001), o soldado luta para defender a Pátria, e tem nessa ação uma grande motivação para resistir às situações adversas, afinal de contas, no teatro de operações europeu as invasões ocorriam a todo momento. Sem embargo, com o “pracinha” brasileiro tudo aconteceu de forma diferente e inesperada: seu território, mesmo que ameaçado, não estava no confronto, e, as condições de guerra com “lama, chuva, neve e frio, desafios diários a que se submeteu o combatente brasileiro, soube manter sempre sua motivação para a luta.” (SILVEIRA, 2001, p. 141)

As ações que ilustram a formação de estratégias militares têm como base fatores que proporcionam o curso de uma guerra e a estratégia necessária aos tempos de paz. Segundo Sun Tzu (2010), “a água faz o contorno de seu caminho segundo a forma do terreno por onde corre. Assim também o soldado trabalha sua vitória em função do inimigo que enfrenta” (SUN TZU, 2010, p. 59). De forma complementar, a nova história militar, apontada por Pedrosa (2011) surgiu em momento posterior à Segunda Guerra, com o intuito de não só avaliar os feitos no *front*, “campanhas, batalhas e feitos dos grandes generais” (PEDROSA, 2011, p. 2), mas também ao momento de paz, da instituição para com a sociedade.

Keegan (1995) evidencia que os soldados, ocupando quaisquer postos em sua respectiva hierarquia, não são como os outros homens. A vida de um guerreiro põe em xeque paradigmas teóricos e metodológicos acerca da construção política e social das atividades humanas em tempos de guerra, ainda mais por se tratar de uma tratativa diferente daquela vista pelos diplomatas. Assim, o jogo político reflete na estratégia de mobilização dos exércitos, sendo fator para o desenvolvimento de ideologias do “por quê” lutar:

São valores de um mundo à parte, um mundo muito antigo, que existe paralelamente ao mundo do cotidiano, mas não pertence a ele. Ambos os mundos se alteram ao longo do tempo, e o do guerreiro acerta o pé com o do civil. Mas o segue à distância. Essa distância nunca pode ser eliminada, pois a cultura do guerreiro jamais pode ser a da própria civilização. Todas as civilizações devem suas origens ao guerreiro; suas culturas nutrem os guerreiros que a defendem, e as diferenças entre elas farão os guerreiros de uma, muito diferentes externamente dos da outra. Com efeito, um dos temas deste livro é que, nas aparências exteriores, existem três tradições guerreiras distintas. Essa última análise, porém, há apenas uma cultura guerreira. Sua evolução e transformação ao longo do tempo e do espaço, dos começos do homem à sua chegada ao mundo contemporâneo, **é a história da guerra**. (KEEGAN, 1995, p. 17, grifo nosso)

As abordagens teóricas de Keegan (1995) e de Silveira (2001) apontam então para a modernização do Exército Brasileiro por uma resultante de fatores complexos e com influências estratégicas, segundo o que é constatado também por Soares e Vasconcelos (2018). Uma das problemáticas da mobilização da força terrestre acontecia devido à precária estrutura de logística, recursos financeiros e alimentação restrita dos soldados pelo governo brasileiro. Era muito diferente do que acontecia, por exemplo, na Força Aérea Brasileira (FAB), pois os soldados da FEB geralmente vinham das classes inferiores como operários e sobretudo camponeses, mas que se alimentavam mal e tinham roupas frágeis para suportar o inverno europeu:

As condições de treinamento, de alimentação, de salário, de acomodação e de lazer eram muito díspares. Em primeiro lugar, os aviadores, em geral, vinham de famílias mais estruturadas financeiramente, já tinham brevê antes de se alistarem – o que talvez não fosse barato; muitos deles vinham de cursos universitários e alguns já falavam inglês. Enquanto que os pracinhas da FEB, combatentes de infantarias, geralmente eram camponeses ou operários; eram treinados nas ultrapassadas escolas militares brasileiras - é certo que com algum apoio americano, sobretudo, em estratégias militares; no *front*, se alimentavam mal, alguns passavam dias em buracos, com roupas inadequadas que não suportavam o frio do inverno italiano. Era comum, inclusive, eles terem gangrena nas pernas e terem de amputá-las, e para evitar que as pernas congelassem, forravam as botas com jornais²⁸. (SOARES, VASCONCELOS, 2018, p. 117)

²⁸ Esse fato é citado ainda nos estudos de Silveira (2001) e Cansação (1987). Ora citado como uma lástima pela qualidade do material da confecção de fardas, o que já era um debate realizado na mobilização da força em solo brasileiro, ora foi explicado com uma “solução”. Isso porque os soldados colocavam penas, feno e jornais para não contrair o “pé de trincheira” pelos fatores externos. Todavia, em outras literaturas de cunho nacionalista e em defesa da aliança dos Estados Unidos da América, eram feitas distribuições contínuas de pares de meias aos combatentes. Essa característica é combatida pela nova história, até mesmo porque muitos dos combatentes se viam sem opções para combater o frio dos Apeninos abaixo de -15°C, segundo Faria e Pereira (2018).

A estruturação da Força Expedicionária Brasileira estava cada vez mais longe de ser eficiente. Segundo o que dialogam Soares e Vasconcelos (2018) e também os relatos de um ex-combatente, com Silveira (2001), a força terrestre tinha poucos recursos, sobretudo em relação aos poucos bônus de guerra nacionais recolhidos, estudados por Santos (2018). Tal estrutura deficitária provocou no contingente que estava no *front* a sensação de incertezas e baixo moral para a luta armada, inclusive por fatores de necessidade básica como os da alimentação e saneamento, conforme ilustram Faria e Pereira (2018). Todavia, esse fator já estava sendo ameaçado desde a convocação dos soldados, no tocante ao despreparo do homem brasileiro, bem como o seu *modus vivendi*: “Porém, a formação e preparação da FEB foram repletas de problemas, desde a seleção do pessoal até o recebimento dos materiais bélicos, o que influenciou negativamente diversas áreas, dentre elas, a da alimentação.” (FARIA, PEREIRA, 2019, p. 107).

2.3. “Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá...”: Fatores para a rápida desmobilização da FEB e consequências iniciais sobre o apagamento da memória.

Em análise ao documento de 13 de abril de 1945, Santos (2018) e McCann (1993) destacam que a permanência de Getúlio Vargas como Presidente da República Federativa do Brasil, ao final da Segunda Grande Guerra e no panorama de estar ameaçado frente aos ideais políticos, divulgou infimamente os feitos da Força Expedicionária no teatro de operações italiano. De igual maneira, os fatores estudados por Santos (2018), mostram que a FEB passou por um esquecimento certo. Essa situação é explicada a seguir por Ferraz (2012), por um receio de que o Exército que foi para a guerra tramasse contra Vargas um golpe militar. Outrora vistos na história do Brasil, a incerteza de Vargas era de uma tomada de poder comandado pelo Alto Escalão do Corpo Expedicionário, com a intenção de se estabelecer uma democracia similar àquela dos Estados Unidos ou no caso da justificativa de que seu governo era uma ditadura fascista.

Por tal motivo, ilustrou Ferraz (2012) que isso tinha relação, também, com as influências de ideologias entre os integralistas e comunistas em ameaça à estrutura do final do Estado Novo, segundo a intenção de perpetuação do mesmo, de personagens importantes como Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, segundo o que ilustra Trevisan (1985). Sem embargo, Corrêa (2011) explica que muitas eram as lutas e manifestações da sociedade no período, e Ferraz (2012) se atenta para a influência do partido comunista depois que Prestes foi anistiado neste mesmo período, em um discurso em um dos seus comícios:

O “período comunista”, real ou superestimado, teve papel importante nas relações entre os diferentes agentes políticos, neste processo de volta dos expedicionários e final do Estado Novo. (...) Entre as centenas de faixas e cartazes confeccionados para os comícios, estavam mensagens como “Glória à FEB e ao Exército Vermelho!”, “FEB: Unidade, Democracia e Progresso!”, “Brasil e Rússia: Unidos para a Vitória!”. Prestes, em seus discursos, dizia que, a anistia fora uma conquista dos soldados brasileiros de terra, mar e ar, que lutaram na Segunda Guerra. Acrescentava que, expedicionários eram os verdadeiros filhos do proletariado. (...) Para um lotado Estádio do Pacaembu, em São Paulo, Prestes discursava que, o ódio antifascista do povo brasileiro teve, na FEB, “sua mais forte corporificação”, E que sua vitória foi, “uma vitória do proletariado e de seu partido de classe, o Partido Comunista do Brasil”. Em debate público, realizado no Rio de Janeiro, o comunista Carlos Marighella ia além, afirmando que os comunistas agora, contariam com o apoio “dos integrantes da Força Expedicionária para combater os ‘quintacolunas’, porquanto, eles haviam voltado do *front* depois de exterminar os ‘nazi-fascistas’ dos campos europeus”. (*apud* PRESTES, 1945, p. 16) No desfile de retorno de um dos escalões da FEB, no Rio de Janeiro, uma faixa estendida transversalmente à via em que os expedicionários passaram dizia “o Partido Comunista do Brasil saúda à gloriosa FEB!”. (FERRAZ, 2012, pp. 112-113)

Trevisan (1985) apontou ainda que a “Doutrina Góes” foi repensada com o fim do Estado Novo, ainda mais porque o término do cenário mundial trouxe a perspectiva de “novos ares”²⁹ para a política nacional, apressando-se em derrubar um modelo “fora de época”, ou seja, o modelo autoritário, difundido pelo Estado Novo. Por esse motivo, também é destacada a entrada de Eurico Gaspar Dutra, o ministro da guerra, para a corrida presencial e a sua consequente vitória. Como a busca por uma nova ordem política derrubava velhos princípios, ficava evidente que a participação da FEB no cenário bélico mundial teve um papel relevante para a evolução das ideias militares brasileiras, devido ao batismo de fogo real vivenciado na Itália, gerando, por fim, novos conceitos sobre a política nacional.

A visão de Silveira (2001), publicada pela primeira vez na década final do século XX ilustra o movimento de continuidade do esquecimento propiciado pelos feitos da mídia estadonovista. Correlacionar isso às perspectivas de memória, segundo Pollack (1989), é refletir sobre o *continuum* histórico na dimensão coletiva, sendo passíveis de atualizações e revisões, bem como a prática pública e privada da memória, com registros, e disponibilizada para pesquisadores contemporâneos. Por sua vez, isso também ocorre no movimento de desconstrução da imagem do veterano brasileiro desde 1945, enquanto a FEB era desmobilizada ainda em solo italiano segundo Ferraz (2012) e McCann (1993) e não está, há muito, presente na valorização da memória popular.

Hoje em dia, a maioria dos americanos se surpreende ao saber que o Brasil empregou tropas na II Guerra Mundial. Os que pertencem à geração da guerra podem ter uma vaga recordação, mas os americanos nascidos depois, aqueles que sabem que houve uma Força Expedicionária Brasileira a frente italiana, geralmente tomaram conhecimento do fato através de algum parente que tenha servido na 10ª Divisão de

²⁹ Esses “novos ares” identificados pelo autor, são as influências “democráticas” dos EUA depois de finalizada a guerra e, com efeito, foram derrotados os países de cunho totalitarista, segundo Corrêa (2011).

Montanha, no 4º Corpo, ou em alguma unidade integrante do 5º Exército. **As histórias da guerra raramente mencionaram esse fato, ou, na verdade, qualquer das outras contribuições do Brasil à causa aliada.** É certo que a FEB não alterou o curso da campanha italiana ou da guerra na Europa.

Não, o seu significado reside menos na história da guerra que na história das relações brasileiro-americanas e na história do Brasil. Nestas duas áreas, seu peso é considerável, ainda que o povo americano em geral e a maioria dos estudiosos a ignorem. Mas a FEB proporcionou, de fato, aos exercícios americano e brasileiro, experiência na criação e operação de forças militares internacionais. (MCCANN, 1993, p. 267, grifo nosso)

O estudo da Canção do Expedicionário (1944) propicia uma série de constatações acerca do período histórico que o soldado brasileiro, convocado para a guerra, estava presenciando. O sentimento de pertencimento em um cotidiano rural foi deixado para trás, todavia, a necessidade de voltar para a vida pacata do interior brasileiro era maior. A atuação da FEB e, sua consequente desvalorização advinda com a desmobilização, representou um conflitante estigma para a sociedade brasileira até a contemporaneidade, segundo os estudos de Ferraz (2012). Sendo “um dos tópicos mais desprezados e esquecidos pela historiografia produzida nas universidades, pelos conteúdos históricos desenvolvidos nas escolas e, às vezes, até mesmo pela memória popular.” (FERRAZ, 2012, p. 21).

O autor ainda destaca que o esquecimento de 25.334 pessoas que lutaram na guerra provocou uma conversão, tanto voluntária quanto involuntária, de “agentes de memória” (FERRAZ, 2012, p. 38) A título de exemplo, destacam-se os ritos de celebração e rememoração individual para conquistar alguma dignidade, que disputavam a energia do ex-combatente, mormente, com a sua própria subsistência e de sua família.

Os feitos de guerra, bem como a atuação da FEB, ilustrada por diversos autores supracitados, evidenciam o que Pedrosa (2011) enumera como o desprezo pelas instituições militares durante o final do século XX. Nos estudos de Ferraz (2012) e Santos (2018), também é possível constatar que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo também se ocupou em maquiagem todo tipo de informação que poderia enaltecer o veterano e colocar em xeque o governo de Vargas.

Nem todos os escalões e unidades porém, tiveram a mesma recepção festiva. Na manhã de 13 de agosto, o 9º Batalhão de Engenharia desembarcou do navio “Pedro II”, no cais do porto do Rio de Janeiro. **Nenhuma homenagem ou recepção festiva fora programada.** Para tornar a situação mais constrangedora, os familiares e amigos foram proibidos de aguardar o desembarque no cais. O Ministério da Guerra justificou, explicando que aquelas medidas de segurança foram efetuadas preventivamente contra a ação dos comunistas. Indignado, o comandante do Batalhão recém-chegado, o tenente-coronel José Machado Lopes, mesmo com a presença do Ministro da Guerra no navio, tomando a palavra, por meio do alto-falante da embarcação, declarou que estava voltando para casa uma tropa vitoriosa, e não prisioneira. **Acrescentou que se tratava de uma ofensa aos que cumpriram, na guerra, heroicamente o dever.** (apud LOPES, 1981, pp. 139-140) (FERRAZ, 2012, p. 128, grifo nosso)

Esta é a ideia outrora apontada: “A FEB, ao invés de constituir-se motivo de orgulho para o Exército e meio de modernização da organização e instrução militar brasileira, tornava-se um incômodo, um estigma.” (FERRAZ, 2012, p. 93) Conforme aponta Rodrigues (2012) esse alinhamento entre Brasil e EUA era buscado pelo general Marshall desde 1939, mas que encontrava notória resistência, principalmente na busca ineficiente de um “plano coerente de cooperação militar”, por isso justifica-se o “poder brando” explicado por Pereira (2017).

O Brasil fez a guerra com um contingente modesto e mal treinado, mas fez a guerra dura e dignamente. O nosso soldado não é “o melhor do mundo”, mas, de um modo geral, se portou bem e mostrou capacidade de adaptação. Não fomos nós que decidimos a guerra, mas contribuímos, ainda que modestamente, para a vitória. (...), mas o próprio funcionamento de uma força multinacional apresenta problemas dentro de cada Corpo, dentro de cada Exército. No caso da Itália, não éramos apenas *uma* Divisão do V Exército, éramos também *a* Divisão Brasileira na Guerra. (BRAGA in SILVEIRA, MITKE, 1993, pp. 9-10)

Segundo Santos (2018) a problemática do cenário mundial, em meio à Segunda Grande Guerra (1939-1945), estava consolidado no imaginário e na memória como “a boa guerra”. O *front* passava a ser composto então por “soldados heroicos que lutavam a favor da democracia, contra os tirânicos ditadores que almejavam dominar e escravizar o mundo inteiro” (SANTOS, 2018, prefácio). Em consonância aos apontamentos de Ferraz (2012), assim, a FEB não era vista apenas como estigma, mas ameaça ao sistema. As políticas estatais, do mesmo modo, propagavam informações midiáticas que solidificaram o imaginário popular, ancorados no cinema, no rádio e em produções gráficas, para cada vez mais mobilizar e fomentar o conflito.

O silêncio e o apagamento do soldado, contudo, surgiram drasticamente no pós-guerra, no sentido de abafar o sensacionalismo midiático e prisma caótico de incertezas no nível mundial. Isso se deve, ainda mais porque a guerra sempre gerou um avanço tecnológico e era responsável pela arrecadação de riquezas, e, nas relações do Brasil com os EUA, não foi diferente, e, como explica Keegan (1995):

A riqueza gerada pelo século pagou, numa escala jamais vista, as obras da paz – escolas, universidades, hospitais, estradas, pontes, novas cidades, novos locais de trabalho, a infraestrutura de uma vasta e benevolente economia continental. Ela também gerou, por intermédio dos impostos, uma saúde pública melhor, taxas de natalidade mais altas e uma nova e engenhosa engenharia militar, os recursos para travar a guerra verdadeira, mediante a criação da sociedade guerreira mais forte que o mundo jamais conhecera. (KEEGAN, 1995, p. 39)

É o que a memória da guerra, ilustrada por Keegan (1995) se complementa nos estudos de Pollack (1989):

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser

punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLACK, 1989, p. 8)

Em paralelo aos estudos de Ferraz (2012) sobre a desmobilização da força terrestre e o consequente movimento de apagamento histórico da memória, é explicado por Cansanção (1987) que os dirigentes não estavam preocupados com a qualidade da força expedicionária, muito foi definhando com o término da atuação dos combatentes.

Cansanção (1987), enfermeira do corpo de saúde da FEB com sua visão patriótica de acordos com suas memórias da guerra, mostrou que nem a seleção moral, e muito menos as condições de saúde, eram respeitadas, sendo as inspeções totalmente ineficientes. O estudo psicológico e dos traumas do pós-guerra, para o qual deve se chamar ainda mais a atenção nesse propósito da pesquisa, não era examinado na convocação de “voluntários”. Posteriormente, eram tidos como loucos ou vítimas do conflito, por, ora recordarem, ora sofrerem com os maus tratos e traumas advindos dessa situação. A FEB foi desmobilizada sem aviso prévio, conforme foi visto e, segundo nos mostram Silveira (2001), Cansanção (1987) e Ferraz (2012), esse importante panorama da desmobilização também fora cruelmente desmantelado. “Partiam alguns dirigentes da premissa de que ‘para bucha de canhão, qualquer coisa que fique de pé sobre duas pernas está bom’. Jamais nessas inspeções de saúde foi feito o estudo do estado psicológico do examinado.” (CANSANÇÃO, 1987, p. 54). Assim, a guerra acabou e a saúde mental do soldado, também.

Figura 19: Primeira celebração do retorno da FEB ao Brasil.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

A recepção dos primeiros combatentes, como ilustram Silveira (2001), Ferraz (2012), Cansanção (1987) e Silveira e Mitke (1993) foi apoteótica, não acontecendo o mesmo com os demais que chegaram quando os ânimos iam se arrefecendo.

Assim, a FEB passou a ser esquecida e passava por exposição ao ridículo. Atualmente, os jovens nem sequer sabem que a mesma existiu e, ao longo da história, quando em vez, eram memorados nos desfiles de 7 de setembro. Os reflexos que a tomada de decisão dos governantes propiciou no apagamento da memória do veterano brasileiro que repercute até a atualidade. Sob a ótica de um governante paradoxal como Getúlio Vargas, seja pautado no autoritarismo da busca pela supremacia, seja alinhado com ideais democráticos capitalistas com finalidades econômicas, muito ecoou no enfoque estabelecido para com o combatente na sociedade em que o mesmo voltou a estar inserido³⁰. De acordo com Ferraz (2012) e McCann (1993), o “soldado-cidadão” que devia ser exemplo na sociedade, foi sucateado e esquecido.

Nesse ínterim, as noções historiográficas mudaram com o passar do tempo, mediante revisões, correções e acréscimos e com a FEB não foi diferente. Nesse prisma é que surge o trabalho do historiador que enfrenta dificuldades, ainda mais porque está inserido em eventos de grandes transformações e fenômenos que necessitam de certo recuo. Por fim, Cansanção (1987) registrou o seu sentimento e de seus contemporâneos que compartilhavam ao longo de todo o percurso temporal do pós-guerra e, enfim, até os estudos mais recentes:

A FEB completou todas as missões que lhes foram confiadas e pode ser comparada favoravelmente com as divisões americanas do 4º Corpo. É lamentável que o forte simbolismo de Monte Castelo tenha distorcido a análise da vitória em Montese, a 16 de abril, na qual a FEB tomou a cidade, sofrendo 426 baixas após uma batalha extenuante de quatro dias de duração. Nos dias seguintes, combateu a 148ª Divisão (alemã) e as divisões Monte Rosa, San Marco e Itália (da Itália fascista), as quais acabaram por se render ao General Mascarenhas nos dias 29 e 30 de abril. (...)

Em uma questão de dias, os brasileiros, graças a uma armadilha bem-sucedida, conseguiram a rendição de dois generais, 800 oficiais e 14.700 soldados. (...) O que parece claro é que, embora com pouca preparação e servindo sob comando estrangeiro, os soldados da “cobra fumando” mostraram, como aparece em uma das suas canções, a “fibra do Exército brasileiro” e a “grandeza da nossa gente”. (MCCANN, 1992, p. 281, grifo nosso)

E ainda Franco (2020) aponta que:

Durante o rigoroso inverno entre 1944 e 1945, nos Apeninos, a FEB enfrentou temperaturas de até vinte graus negativos, não contando a sensação térmica. Muita neve, umidade e contínuos ataques de caráter exploratório por parte do inimigo alemão, que por intermédio de pequenas inquietações procurava tanto minar a resistência física, quanto a psicológica das tropas brasileiras, não acostumadas às baixas temperaturas. Condições climáticas e reações físicas se somavam aos mais de três meses de campanha ininterrupta, sem pausa para recuperação. (FRANCO, 2020)

As análises de McCann (1992), Franco (2020) e de Ferraz (2012) evidenciam segundo a nova história, uma abordagem que complementa o apagamento da memória da FEB na sociedade brasileira, de forma similar ao que Cansanção (1987) aponta em seus relatos no pós-

³⁰ Nesse escopo, de 1945 em diante – até o ano da pesquisa desse Trabalho de Conclusão de Curso em 2020.

guerra. Mesmo que a atuação da FEB tenha sido menor do que as potências europeias, Japão e Estados Unidos, a mesma não deixou de encarar a missão entregue e, conforme ilustrado por McCann (1992), fez a diferença no teatro de operações italiano.

2.4. “A glória do meu Brasil!”: O apagamento da memória dos veteranos na atualidade e os resultados da pesquisa para uma aula de História sobre a FEB.

Conforme destacado, o resultado da pesquisa de campo mostra as percepções dos discentes em uma aula sobre a Segunda Guerra Mundial e espacial, no que diz respeito à atuação do corpo expedicionário. Em princípio, essas informações demonstram resultados insatisfatórios sobre a atuação dos soldados brasileiros no teatro de operações e, com efeito, o não reconhecimento da própria história nacional. Ao serem realizadas as análises documentais sobre a FEB, conforme destacado no Capítulo 1, no material didático do Projeto Araribá, em um fragmento do Jornal Correio da Manhã de 1970, e no Currículo Mínimo de História do Estado do Rio de Janeiro, foram encontradas escassas referências sobre a atuação dos soldados. No material didático do Projeto Araribá, do 9º ano do Ensino Fundamental, todavia, foi um resultado satisfatório de informações no corpo do texto porque, mesmo sendo o único material didático que ilustrou a FEB nesse período, traz em seu bojo poucas informações sobre a mobilização.

Em paralelo, e, segundo as análises de Bento (2015), o fragmento do jornal “Correio da Manhã” de 1970 tinha como base o enaltecimento da figura do aspirante Mega³¹, apagando com efeito, a atuação dos soldados na frente de batalha. Por fim, o Currículo Mínimo de História do Rio de Janeiro nem sequer pontua a atuação da FEB, e isso repercute, enfim, nas noções de consciência histórica dos educandos. Isso se deve porque, segundo o que aponta Aguiar (2014), a escola é a ponte para a transmissão de ideias críticas acerca da História.

A partir da fundamentação teórica estudada sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB), é possível entender quais foram os fatores que influenciaram na tomada de decisão pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para o apagamento da memória da FEB após a vitória sobre as tropas do Eixo:

Aos simpatizantes do Eixo (ou a soldo dele) não interessava, por motivos mais que óbvios, a presença de uma força expedicionária brasileira no teatro da guerra da

³¹ Bento (2015) evidentemente, tem um apego patriótico ao enaltecer a memória do aspirante Mega, todavia, Ferraz (2012) explica: “Até comemorações dos feitos da campanha da Itália foram censuradas. Em abril de 1947, por iniciativa de alguns tenentes expedicionários que serviam na AMAN, foi proposta uma homenagem ao aspirante Mega, morto em combate e que era de Resende. Foram informados que havia uma ordem do Rio de Janeiro, ‘de não comemorar nada sobre a FEB’. No centro formador de Oficiais do Exército, as lições de guerra não seriam comemoradas, tampouco estudadas sistematicamente, pelo menos nos anos seguintes do retorno dos expedicionários.” (FERRAZ, 2012, p. 144)

Europa. Mas, apesar de tudo, a FEB foi. E na Itália cumpriu bravamente com a sua missão. Quando o 1º Escalão retornou ao Brasil, no dia 18 de julho de 1945 – após mais de sete meses de luta na frente do Rio *Serchio* e na apenina e, em seguida, nos vales dos rios Panaro e Pó – a FEB havia deixado no pequeno e florido cemitério de Pistoia perto dos 500 mortos, trazia consigo a carga positiva de tantas vitórias e o saldo negativo de dezenas de mutilados e de centenas de enfermos. Para a guerra de apenas uma Divisão, foi um preço bastante alto (SILVEIRA, MITKE, 1983, p. 34).

Esse problema também acontecia em outros cenários de abordagens que podem ser analisadas na história do tempo presente, na redescoberta da memória em fontes primárias. Ainda, é citado o exemplo do tenente (temporário) Mesquita, promovido *post mortem*, e, como foi um dos primeiros a tombar em combate, faleceu antes dos 20 anos de idade, porém, que deixou um legado importante com a escrita de suas cartas à família. Ou seja, a problemática apresentada destaca o movimento de esquecimento e apagamento da memória em torno do que foi feito pelos veteranos brasileiros, por meios institucionais. Por esse motivo, Ferraz (2012) destaca em seus estudos a relação entre a desmobilização da FEB em 1945 e os impactos para esse esquecimento na educação e memória ativa da sociedade brasileira na contemporaneidade. O autor destaca, ainda, que muitas das memórias dos ex-combatentes foram preservadas por fazerem parte de agrupamentos que mais tarde se tornariam as Associações de Ex-Combatentes de Veteranos Brasileiros. A título de exemplo e conforme destacado no capítulo 1, em 2018, ano de início destes estudos discentes sobre a Força Expedicionária Brasileira, aconteceu o “XXX Encontro Nacional dos Veteranos da FEB”, na qual foi possível conhecer alguns dos veteranos e ter acesso a relatos da guerra. Dessa forma, Ferraz (2012) explica:

Essas dimensões nunca poderiam ser alcançadas pelas associações brasileiras de veteranos. Embora o recrutamento tivesse sido nacional, embora a mobilização de homens para a guerra jamais pudesse ter passado despercebida, o fato é que os 25 mil homens representavam pouco mais de 0,06% da população brasileira em 1945. Sua importância, destarte, está muito mais no desempenho de seu papel como agente de memória social da participação brasileira na guerra do que como grupo de pressão política. Foi com essa concepção implícita que surgiram então os primeiros embriões das Associações de Ex-Combatentes ainda em solo italiano, de maneira espontânea. Seria uma maneira de manter a chama da camaradagem surgida no *front*, além de reforçar laços de solidariedade e ajuda mútua. (FERRAZ, 2012, p. 212)

Por esse motivo, é necessário que a FEB seja pesquisada nos programas de pós-graduação em História (PPGH) e debatida em sala de aula, com o intuito de destacar a memória daqueles que representaram o Brasil nesse cenário beligerante.

A historiografia da intitulada “nova história” passou a contar do final da Segunda Guerra Mundial (1945) valorizando a memória, já não mais pautada em uma espécie de “presentismo” (FERREIRA, 2013, p. 21) do século XIX, nos quais os testemunhos passaram a obter cada vez mais valor no que diz respeito à construção da identidade nacional. Passa a ser, assim, uma espécie de combate ao tradicionalismo instaurado na sociedade desde os fins do século XIX.

A memória, sua valorização ou apagamento, são destacadas nos estudos de Pollack (1989) exemplificando o que sabemos sobre as lembranças do desembarque da Normandia e consequente libertação da França (POLLACK, 1989, p. 11) e trazendo para a nossa realidade. Nesse prisma, as recordações dos contemporâneos que presenciaram os ataques do Eixo não estão pautadas na datação do “Dia D” como o 06 de junho de 1944, mas “aos rancos dos aviões, explosões, barulho dos vidros quebrados, gritos de terror, choro das crianças. Assim também com os cheiros: de explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira ou de queimado, registrados com precisão.” (POLLACK, 1989, p. 11).

Nem todos os combatentes, porém, conseguiram vivenciar os horrores da guerra sem as sequelas da angústia e distúrbios emocionais comumente conhecidos como sintomas da neurose de guerra. (...) Para suportar as pressões da guerra, a maioria aprendeu a endurecer suas emoções e instintos no período de combate, bem como no pós-guerra, produzir uma visão de mundo que privilegiava a camaradagem ou sentimentos de fraternidade semelhantes àqueles experimentados no *front*. (FERRAZ, 2012, p. 166)

Em aspecto complementar, autores como Keegan (1995) e McCann (1993) destacam que os instrumentos de memória no tempo presente nas demais sociedades ocorrem ativamente, não acontecendo o mesmo no contexto nacional. Tais aspectos foram, ao longo da história do Brasil, segundo McCann (1993) e Corrêa (2011) sendo cada vez mais esquecidos, ainda mais porque na Educação Básica pouco ou nada se refere à atuação da FEB até a atualidade. É nesse escopo que o trabalho em questão ilustra a necessidade de inserir nas aulas de História fontes e discussões sobre a memória da Força Expedicionária Brasileira.

Figura 20: Cartaz da época onde se lê “O Brasil está presente!” Acervo do Arquivo Nacional sobre a FEB.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

Para que os estudos sobre a historiografia da FEB sejam iniciados nesta problemática, é importante destacar que, segundo o que ilustram Ferraz (2012), McCann (1993) e Silveira e Mitke (1993), os anos iam passando e a glórias e homenagens eram, estrategicamente, esquecidas. Esse fator acontecia pelos meios oficiais, tanto civis e militares, quanto pela própria sociedade que, em momento anterior, se preocupou e enalteceu o soldado brasileiro. O desinteresse pelas “histórias da guerra”, segundo o que ilustra Ferraz (2012), chamam a atenção para o julgamento do veterano no cenário bélico, que acontecia devido uma desconfiança por uma suposta “vida boa” no de um turismo bem remunerado na Europa durante um ano. E ainda, a chacota que se prolongou ao longo da história da FEB era que “os contatos que tiveram com o “inimigo” foram aqueles travados com as italianas miseráveis que se prostituíam pelas latinhas de comida americana.” (FERRAZ, 2012, p. 133).

Por fim, não somente as polêmicas pesquisas de Ferraz (2012) ilustram que a memória da Segunda Guerra Mundial em torno da FEB foi feita em caráter social, mas também, os estudos do supracitado autor como de Santos (2018) destacam que isso ocorria também, nos meios sociais iniciados por ameaças ideológicas ao que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) prezava.

Assim, o referencial teórico aponta para os resultados de que esse apagamento ocorre até hoje:

Ao escrever um relato da campanha da FEB na Itália, não se pode deixar de pensar que muitos milhões de brasileiros nada ou quase nada sabem sobre o que os nossos compatriotas fizeram em terras estrangeiras, em defesa do Brasil e da Liberdade: lutaram, sofreram e muitos morreram. Mas como é um episódio que já pertence à História, esses bravos serão lembrados a cada vez que um brasileiro, servindo às nossas Forças Armadas, venha a cantar as estrofes daquele velho hino militar. “Nossa fama se perde distante no silêncio de tempos passados...” (SILVEIRA, 2001, prólogo)

O projeto educacional, alicerçado na metodologia da aplicação do Currículo Mínimo de História do Estado do Rio de Janeiro, com publicação em 2011, solicita pouco sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), bem como o período Vargas (1930-1945). Ainda assim, é necessário elucidar que o mesmo Currículo não realiza explicações sobre a FEB e, por esse motivo, nem os alunos do Pré-Vestibular supracitado, nem as turmas de Estágio Supervisionado I e II sabiam da existência da FEB.

Por mais que se queira aplicar uma aula temática sobre o veterano brasileiro em sala de aula, ilustrando tópicos como o contexto da guerra e os governos autoritários do período, como o nacional, entende-se que existem outros desafios para serem vencidos. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.” (POLLACK, 1989, p. 5)

Assim, Freire (2018) também explica que as grandes dificuldades encontradas em sala de aula são a desvalorização do professor e falta de diálogo com o aluno, mas isso também é perceptível no reconhecimento dos veteranos brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Tais conceitos, pouco vistos em 75 anos de História do Brasil (1945-2020), refletem na desmobilização contínua dos esforços de guerra, bem como para a sociedade do período. Nesse sentido, Freire (2018) explica como a educação é essencial para o desenvolvimento do cidadão enquanto educando:

Como os demais saberes, esta demanda do educador um exercício permanente. É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica.

(...) A competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão do desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vai sendo desvelados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças. (FREIRE, 2018, p. 12)

Por fim, destaca-se o seminário proporcionado aos oficiais estrangeiros sobre a atuação da Força Expedicionária Brasileira, em 04 de julho de 2019, no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) – coincidentemente, no dia da celebração da Independência dos Estados Unidos da América, país que firmou alianças com o Brasil, segundo esses estudos. A aula foi um projeto para a exposição de fontes recolhidas até o momento, mas que contribuiu para o levantamento de dados sobre as percepções discentes que contribuíram, enfim, para que o recolhimento de fontes fosse bem-sucedido em entender que a Força Expedicionária Brasileira carece de estudos acadêmicos e aplicabilidade de ensino para Educação Básica em prol da memória nacional.

Em virtude dos aspectos analisados, a historiografia militar, segundo Pedrosa (2011) “tem caráter fundamentalmente utilitário” (PEDROSA, 2011, p. 4). Além de dialogar com o passado, transparece a aplicabilidade de concepções castrenses e entendimento desses exemplos históricos. Além disso, tem auxiliado a aprendizagem não somente no meio militar, mas também na valorização do cenário político, cultural e econômico e de pertencimento para a sociedade civil. No tocante aos estudos que foram apresentados, assim, também é possível destacar o combate às ideologias extremistas que colocaram em xeque o bem-estar da sociedade como um todo na Segunda Guerra Mundial (1939-45). Teoria e prática, dessa forma, se solidificam em múltiplos aspectos para o reconhecimento do passado e da disciplina de História em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da Força Expedicionária Brasileira (1944-1945) foi um importante marco para a história do Brasil contemporâneo, sobretudo no que diz respeito ao cenário de instabilidades que foi permeado o catastrófico século XX, segundo Hobsbawm (1995). O apagamento da atuação da FEB, conforme o que ilustra Ferraz (2012) é o que mais revela preocupações, que devem ser refletidas no meio acadêmico, bem como no eixo educacional. Na realidade, esses resultados são vistos na sociedade brasileira como um todo, pois desde o início dos estudos com a metodologia qualitativa de levantamento de dados iniciado em 2018, poucos cidadãos sabiam o que foi a FEB ou porquê a mesma teria sequer existido.

Segundo o que ilustram Cansação (1987), Silveira (2001) e Silveira e Mitke (1993), no final do século XX ainda acontecia a desvalorização do combatente desde sua desmobilização em 1945, e, segundo Ferraz (2012), isso está longe de acabar no início do século XXI. Freire (2018) revela na autonomia do discente que a pesquisa e o diálogo com o professor são fatores que contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexo e, com efeito, são essas as necessidades em um cenário de atuação docente. A problemática apresentada sobre a falta de consciência histórica volta olhares para o esquecimento da FEB ainda no contexto educacional, sobretudo pela instabilidade das origens do discurso no tempo presente, segundo Delgado (2013) e Ferreira (2000), dos temas trabalhados na sociedade.

As coletas de dados das opiniões em sala de aula, fontes históricas, análise do currículo mínimo, estudo de materiais didáticos e pesquisas em referenciais teóricos revelaram uma série de falhas no que diz respeito ao ensino de história, essencialmente no estudo sobre aqueles que lutaram pelo Brasil. O que se entende é que o ensino tenha ficado, com o tempo, defasado e habituado a seguir um paradigma, não abrindo portas à pesquisa docente e, assim, não incentiva o mesmo em sala de aula com os discentes. É o que se pode afirmar sobre a “educação bancária” segundo Freire (2018), em um contexto que o aluno não é instigado a pensar, apenas a receber o conteúdo pronto e não questionar.

A metodologia teve uma abordagem de cunho qualitativo, de pesquisa descritiva, com análise de documentos, pesquisa de campo e revisão bibliográfica e, enfim, tudo aponta para a necessária reformulação das aulas de História sobre a Segunda Guerra Mundial. O seminário ministrado no CIdEx, os escopos de atuação à prática docente, a iniciação científica voluntária no projeto de pesquisa, o evento da ANVFEB e as historiografias, tradicional, revisionista e nova história, revelaram que existe um apagamento real sobre a FEB segundo Ferraz (2012) e, conforme todos os autores citados, esse esquecimento aconteceu o mais rápido possível. Isso também foi visto segundo Faria e Pereira (2017), Rodrigues (2012) e Santos (2018).

Enfim... “A cobra fumou!” e, no início de toda uma história, eram frequentes as perguntas sobre o porquê só teria visto uns senhores desfilando em um “7 de setembro”, sem quaisquer esclarecimentos sobre quem eles eram. A justificativa da problemática surgiu com a recordação de uma pergunta da primeira professora de História, *in memoriam*, que indignada questionou: “Não ensinam isso nas escolas?”. Sendo hoje possível responder: “Não, vó. Não ensinam.” E a crítica final a ser esclarecida diz respeito ao apagamento da história da atuação de soldados desconhecidos³² que lutaram pela libertação do extremismo nazi-fascista aos quais nem sequer foram citados pelos livros, nem são exigidos nos exames nacionais, como os vestibulares ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O apagamento em questão, segundo o referencial teórico, não surgiu pelo apego a uma ideologia, mas pela aproximação com todas estas. O que mostra assim, que as vertentes historiográficas citadas neste trabalho concatenam a crítica da problemática: o constante apagamento da FEB.

Figura 21: Soldados da FEB sendo saudados por moradores de Massarosa, Itália, 1944.



Fonte: War Thunder.

A memória da Força Expedicionária Brasileira, pesquisada e descrita por militares ou civis, nesse escopo, ilustra aspectos que culminaram para o esquecimento, institucional e intencional, de cidadãos comuns. Outrora lavradores que comiam arroz, feijão e farinha, ou operários inseridos em seu *ethos*, foram ao *front* como soldados para se tornarem assim, desconhecidos com neuroses de guerra após a desmobilização forçada, rápida e intencional. Por esses motivos aqui apresentados, os estudos sobre a nova história se fazem necessários, por dialogarem com os fatores que marcaram toda uma época, mas que não são contados pelos interesses políticos. Espera-se, enfim, que a cobra continue fumando.

³² O Dia do Soldado Desconhecido reverencia os soldados mortos em combate, celebrado em 28 de novembro desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No Brasil, esse resgate é feito no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro em memória aos pracinhas tombados no *front*.

FONTES

Êles lutaram pelo Brasil, Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1970, edição nº 23663, p. 44/88. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=7678&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso: 28 nov. 2020 às 09:30.

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria do Estado de Educação. *Currículo Mínimo de História*. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <https://historiadauff.files.wordpress.com/2012/07/historia_livro_v2-1-curric-min-rj.pdf> Acesso: 23 jun. 2020 às 05:40.

PROJETO ARARIBÁ. História, Ensino Fundamental. Coordenação de Maria Raquel Apolinário, São Paulo, 2ª Ed, Editora Moderna, 2007. Obra em 4 volumes para o Ensino Fundamental (6º ano – 9º ano).

SALUDOS AMIGOS. Disney Movie, 1942. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VEulxiQFm-s>> Acesso em 11 dez. 2020 às 00:00.

TRABALHO DE CAMPO

Arquivo Histórico do Exército (AHEX). Base militar no Rio de Janeiro. Endereço: Centro, rio de Janeiro – RJ.

Centro de Idiomas do Exército. Endereço: R. 000, Praça Almirante Júlio de Noronha, s/n. Leme, Rio de Janeiro – RJ.

CIEP 488 – Ezequiel Freire. Endereço: Rua 38, quadra 35 s/n. Cidade Jardim Itatiaia, Itatiaia – RJ. Disciplinas de Estágio Supervisionado I e II.

Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial. Endereço: Avenida Infante Dom Henrique, 75. Glória – Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20021-140.

Museu Militar Conde de Linhares. Endereço: Avenida Pedro II, 383. São Cristóvão – Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20941-070.

Museu Militar da Força Expedicionária Brasileira. Endereço: Avenida Afonso Pena, 2270. Centro – Campo Grande, MS.

Museu da República, Palácio do Catete. Endereço: Rua do Catete, 153. Catete – Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22220-000

Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) CEDERJ. Endereço: Avenida Tenente Coronel Adalberto Mendes, 1920. Vila Santa Isabel, Resende – RJ.

Pré-Vestibular Social Leonhard Euler. Endereço: Avenida Pasteur, 458 CCET, sala 201N. Botafogo, Rio de Janeiro – RJ.

Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Endereço: Rua Marechal Deodoro, 217. Bloco A, Centro, Niterói – RJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Edinalva Padre. Consciência histórica, narrativa histórica e a inter-relação com o ensino de História. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, v. 9, n. 21, p.125-143 jan./abr. 2014. Disponível em <http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/>

BENTO, Cláudio Moreira. Aspirante Francisco Mega. O Patrono da Turma da AMAN de 15 de fevereiro de 1955. *Acervo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil*, 2015. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/ASPIRANTE%20FRANCISCO%20MEGA%202.pdf>> Acesso: 28 nov. 2020 às 10:50.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *História do Brasil III, v. 1*. Vera Lúcia Bogéa Borges, Leonardo Leônidas de Brito. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, 2013.

BURKE, Peter. A Nova História, seu passado e seu futuro. Capítulo introdutório do livro *A escrita da História: novas perspectivas* / Peter Burke (org.); trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP. 1992. Disponível em: <http://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pdf> Acesso em: 28 nov. 2020, às 13:20.

CANSANÇÃO, Elza. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

CORRÊA, Maria Letícia. *História do Brasil IV, v. 1*. Maria Letícia Corrêa, Monica Piccolo Almeida. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente e ensino de História*. *Revista História Hoje*, v. 2, n° 4, pp. 19-34, 2013.

FARIA, Durland Puppim. PEREIRA, Fabio da Silva. *Alimentação dos Soldados Cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945)*. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 14, 2018, pp. 103-121. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/09/AGCRJ_revista14-103-121.pdf Acesso: 29 jun. 2020 às 03:30.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina, Eduel, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n° 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FRANCO, André Luiz dos Santos. *Honra e glória*. Aditância do Exército junto à Embaixada do Brasil na Itália (ADIEx). Roma, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.adiexitalia.org/index.php/pt/forca-expedicionaria-brasileira-feb>> Acesso em: 29 nov. 2020 às 00:40.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2018.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. Versão Kindle.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MACHIAVELLI, Niccolò. *O Príncipe*. Tradução: Lívio Xavier. 4ª ed. São Paulo, EDIPRO, 2015.

MCCANN, Frank. *A Força Expedicionária Brasileira na Campanha Italiana (1944-1945)*. In SILVEIRA, Joel. *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial*. Joel Silveira e Thassilo Mitke. Rio de Janeiro, Record, 3ª ed, 1993. pp. 267-287.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. *A História Militar Tradicional e a “Nova História Militar”* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Acesso: 01 jun. 2020, às 02:35. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601_ARQUIVO_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf>

PEREIRA, Fabio da Silva. *Governança e Participação: o ambiente interagências nas operações militares no Complexo da Maré*. Anais do IV Encontro sobre Administração Pública, UFPB, Paraíba, mai. 2017. Disponível em: <<http://plone.ufpb.br/ebap/contents/documentos/0294-310-governanca-e-participacao.pdf>> Acesso: 29 nov. 2020 às 13:00.

PEREIRA, Fabio da Silva. *Análise do Ethos dos Oficiais do Exército Brasileiro: Uma (re)visita à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) (1989 – 2018)*. UNIVERSO, Niterói, maio de 2020.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

RODRIGUES, Fernando da Silva. *O Posicionamento Militar Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial: a aproximação com a Alemanha e o alinhamento com os Estados Unidos da América (1934-1942)*. Revista da Escola Superior de Guerra. V. 27, n. 54 (jan./jun.) 2012 – Rio de Janeiro: ESG, 2012.

SANTOS, Leonardo Montanholi dos. *“Ajude a Esmagar o Eixo”: a campanha de propaganda dos bônus de guerra no Brasil e nos Estados Unidos da América (1941-1945)*. 1 ed. Curitiba: Editora Priamas, 2018.

SCIARRETTA, Massimo. *História Contemporânea I*, v. 2. Massimo Sciarretta, Carlo Romani. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, 2013.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. Editora Expressão e Cultura – Exped. Ltda., 2001.

SILVEIRA, Joel. MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial*. Joel Silveira e Thassilo Mitke. Rio de Janeiro, Record, 3ª ed, 1993.

SOARES, Ana Lorym. VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. *Cartas do Aviador Fernando Corrêa Rocha (1943-1945): Cultura epistolar e cotidiano durante a Segunda Guerra Mundial*. In *História Militar: Entre o debate local e o nacional* (Série Estudos Reunidos, Volume

51). / Organização Fernando da Silva Rodrigues e José Miguel Arias Neto - Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

SUN TZU. *A Arte da Guerra*. Tradução Chris Tunwell, 2ª ed. São Paulo, Universo dos Livros, 2010.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Historiografia Contemporânea*. v. 1 e v. 2. Felipe Charbel Teixeira, Pedro Spinola Pereira Caldas. Rio de Janeiro: Fundação CECIRJ, 2012.

TREVISAN, Leonardo. *O que todo cidadão precisa saber sobre o pensamento militar brasileiro*. São Paulo, Global. 1985.